

2

PÁGINA

O legado de Obama e o "Fast Track"
Laís Thomaz

Entrevista com
Diego Lopes da Silva

3

PÁGINA

Possíveis erros a serem evitados na aproximação entre Cuba e EUA
Sonia Alda Mejías

4

PÁGINA

A lógica de Obama para a América Latina
Carolina Silva Pedroso

FÓRUM



Ilustração Paulo Ciola

OBAMA ENFRENTA UM QUADRO DIFÍCIL

À frente da maior economia do planeta, o presidente Barack Obama precisa superar uma série de obstáculos, a fim de manter a projeção geopolítica dos Estados Unidos. Esta edição aponta para algumas das principais questões enfrentadas pelo líder norte-americano em nível internacional,

como a aproximação com Cuba e os crescentes atritos com o governo da Venezuela, num momento em que Washington perde sua influência sobre os rumos do contexto mundial e, mais especificamente, sobre as nações latino-americanas. Além disso, Obama precisa concretizar sua política exterior

com expressivos entraves dentro de seu país, como a oposição do Partido Republicano, que controla o Senado e a Câmara dos Deputados, e em muitos casos do próprio Partido Democrata, cujos integrantes o apoiam mas são contrários a muitas de suas decisões em âmbito comercial.



Ilustração Paulo Cioia

O LEGADO DE OBAMA E O “FAST TRACK”

Laís Thomaz

Os EUA estão negociando desde 2009 o acordo Parceria Transpaciífica (TPP, na sigla em inglês) com outros 11 países, que juntos representam 40% do PIB mundial. A justificativa para essa iniciativa tem dois elementos bem definidos: conter ou mesmo contrabalançar o poder da China e dar continuidade à premissa de segurança nacional para o combate ao terrorismo via acordos de livre comércio. A incapacidade de maiores avanços via multilateral através da OMC se soma a esses elementos.

Na expectativa de finalizar as negociações sobre o TPP e outros acordos, como o Transatlantic Trade and Investment Partnership – TTIP, a administração Obama está focando seus esforços na aprovação do Trade Promotion Authority (TPA), também conhecido como Fast Track. Se o conseguir, o Executivo pode ter mais liberdade de negociação, já que o congresso passa a votar os acordos comerciais sem poder fazer emendas a suas decisões.

Enquanto alguns avaliam que isso é apenas um mecanismo facilitador, e os negociadores dos outros países passam a ver mais credibilidade na negociação, muitos congressistas o veem como um instrumento para reduzir o seu poder, diminuindo a transparência do processo.

O problema é que o ambiente político não está favorável. O congresso possui maioria republicana e está hiperpolarizado. A impopularidade de Obama é um fator muito preocupante, pois mesmo os membros de seu partido não estão convencidos em apoiá-lo no TPA.

A administração Clinton passou por situação semelhante a acabou por não conseguir o TPA, principalmente por não chegar a um consenso com os republicanos sobre os padrões trabalhistas e ambientais que regem os acordos comerciais. Os pontos de veto naquela época convergem em alguns pontos com o cenário atual.

Mas o governo Obama obteve avanços em 2011, quando foram aprovados pelo Congresso os Tratados de Livre Comércio com a Colômbia, o Panamá e a Coreia do Sul, os quais tiveram sua negociação finalizada em 2006 no governo George W. Bush. A retomada pelos republicanos da maioria na Câmara nas eleições de 2010 foi decisiva para esse resultado.

Para aprovação do TPA neste momento, Obama poderá contar com apoio de republicanos, que depois das eleições de 2014 são maioria também no Senado e são historicamente pró-livre comércio. O líder da maioria Mitch McConnell (R-KY) e John Boehner (R-OH) têm declarado seu apoio ao TPA.

Ao mesmo tempo, Obama e Mike Froman, representante dos EUA para assuntos comerciais (USTR, sigla em inglês), têm que convencer os democratas de que as negociações estão atendendo às exigências ambientais e trabalhistas. Mas eles não estão convencidos disso e ainda argumentam que com a aprovação do TPA os americanos perderão seus empregos.

Na oposição, a representante Rosa DeLauro (D-CT) lidera um grupo de mais de 120 congressistas democratas contrários ao acordo. O líder

O problema é que o ambiente político não está favorável. O congresso possui maioria republicana e está hiperpolarizado.

da minoria no Senado Harry Reid (D-NV) e a líder da minoria da Câmara Nancy Pelosi (D-CA) também anunciaram sua oposição ao TPA. Obama almeja deixar seu governo com um legado. O fim do embargo a Cuba foi um grande marco, mas se avançar nesses novos acordos será certamente uma grande vitória nesse sentido.

Laís Thomaz é pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (Unesp, Unicamp e PUC-SP) e pesquisadora visitante na Georgetown University. <laisthomaz@gmail.com>

Este artigo foi publicado originalmente no *Estadão Noite* de 20 de janeiro de 2015.

Este artigo está disponível no Portal Unesp, no endereço <<http://goo.gl/1544G0>>.

ACORDOS COM CUBA E IRÃ PODEM SER GRANDE LEGADO DE OBAMA

DIEGO LOPES DA SILVA

Por Oscar D'Ambrosio

Doutorando em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (Unesp, Unicamp e PUC-SP), Diego Lopes da Silva é pesquisador do Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional desde 2008. Desenvolve pesquisa sobre transparência em gastos militares na América do Sul com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Nesta entrevista, ele discute o legado do governo do presidente dos EUA, Barack Obama.

JORNAL UNESP: Qual é o legado dos dois governos do presidente Barack Obama?

DIEGO LOPES DA SILVA: Barack Obama, na medida em que seu mandato se aproxima do final, preocupa-se com o legado que deixará. Contudo, a tarefa não será fácil: se, no âmbito interno, Obama enfrenta as duas casas do Congresso com maioria republicana, no cenário internacional Washington já não encontra o mesmo respaldo que outrora desfrutava. Os resultados das guerras do Iraque e do Afeganistão reforçaram os argumentos, já há algum tempo presentes, do desgaste na capacidade de liderança de Washington. No combate ao Estado Islâmico, Obama esforçou-se na construção de uma coalizão internacional. Por volta de 60 países compõem o grupo. Porém, em termos práticos, uma parcela muito pequena contribui. Apesar de conceitualmente separados, os âmbitos interno e externo relacionam-se de modo muito próximo. As negociações sobre o programa nuclear iraniano são um exemplo claro disso. Uma das grandes preocupações de Obama é a aceitação que o acordo terá no Congresso. Não por outro motivo, Benjamin Netanyahu viajou a Washington, sem um convite oficial da presidência, para discursar no Capitólio e expressar com veemência sua oposição aos rumos das negociações com o Irã. O acordo, uma vez finalizado, será um dos grandes feitos da presidência de Obama.

JU: E as relações com Cuba?

LOPES DA SILVA: Uma das razões pelas quais a História lembrará de Obama é a mudança de postura em relação a Cuba. O início dos diálogos entre os dois países coloca fim a um silêncio de mais de 50 anos. Contudo, ademais da busca por um legado, levantamos a hipótese de uma tentativa de transferência de capital político de Obama ao candidato democrata do ano que vem. Os cubano-americanos representam uma parcela significativa do eleitorado, o



A saúde das relações bilaterais com o Brasil ainda não está restaurada

que faz da aproximação norte-americana à América Latina uma investida em dois níveis. A maioria republicana no Congresso impede que maiores mudanças sejam feitas. Dessa maneira, o embargo permanece. Por ora, o fulcro das negociações bilaterais se concentrará na retirada de Cuba da lista de países que apoiam o terrorismo.

JU: Existe ainda, porém, a questão com a Venezuela...

LOPES DA SILVA: Ao passo que as relações com Cuba melhoram, as com a Venezuela deterioram-se. Na tentativa de minar o regime de Caracas, Obama ofereceu aos países caribenhos insumos para a substituição do petróleo da Venezuela por energias mais limpas. Em relação ao Brasil, apesar do esforço de ambas as partes, a saúde das relações bilaterais ainda não está inteiramente restaurada. Até o fim do mandato de Obama, algum sinal mais substantivo de melhoria nas relações Brasil-EUA deverá ser visto.

JU: E o diálogo do presidente dos EUA com a América Latina como um todo?

LOPES DA SILVA: A atenção dada por Washington à América Latina pode ter como um de seus impulsos a garantia de sua influência face ao incremento das relações regionais com a Rússia. Só no último decênio, as relações econômicas entre a América Latina e Moscou triplicaram. Uma outra razão para o retorno das investidas diplomáticas é a constatação de que a região soube, muito bem por sinal, avançar politicamente à revelia do respaldo de Washington. Na impossibilidade influenciar os arranjos formados sem sua participação, como a Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac) e a União das Nações Sul-Americanas (Unasul), resta aos EUA usufruir dos mecanismos que restam, como a Cúpula das Américas, e das vantagens da bilateralidade.

POSSÍVEIS ERROS A SEREM EVITADOS NA APROXIMAÇÃO ENTRE CUBA E EUA

Sonia Alda Mejías

As últimas declarações das autoridades norte-americanas e cubanas deveriam despertar certa preocupação. Enquanto Roberta Jacobson, subsecretária de Estado para o Hemisfério Ocidental, declarou em Havana que o respeito aos direitos humanos seria uma parte muito importante das negociações, Raúl Castro, em sua intervenção na III Cúpula da Celac [*Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos*], em 28 de fevereiro, enfatizou que a normalização das relações entre ambos os países não ocorreria se não acabasse o embargo e se os EUA não reparassem os danos humanos e econômicos provocados pela interdição.

[...] As negociações já foram iniciadas em Havana em janeiro passado, quando delegações dos EUA e de Cuba se reuniram, sob as lideranças de Roberta Jacobson e Josefina Vidal, respectivamente. Trata-se, a partir desse primeiro encontro,

tões relativas ao respeito dos direitos humanos em Cuba, ao embargo e às reparações que os EUA deveriam promover mediante a solicitação de Cuba. [...]

[...] O êxito dependerá de que sejam tratados unicamente os temas que são negociáveis, pois foram previamente acordados. A manter-se esse método de negociação, não se alcançará nem o respeito aos direitos humanos, em Cuba, nem a reparação dos danos humanos e econômicos provocados pelo embargo, mas se alcançarão mudanças que repercutirão em benefício dos cubanos e, talvez, na transformação do regime.

Na atual conjuntura, as declarações finais da Celac demonstram o posicionamento da América Latina frente aos Estados Unidos, em prol do fim do isolamento de Cuba. Foi uma questão que protagonizou a Cúpula da Costa Rica. Não somente contemplada na declaração de Belén, como tam-

Há interesses por parte dos dois países. Com relação aos EUA, é necessário considerar a liderança que Barack Obama pretende exercer internacionalmente.



Ilustração Paulo Ciola

de abrir uma rodada de reuniões durante a qual se concretizariam os temas combinados por Barack Obama e Raúl Castro, durante as negociações secretas ocorridas em 17 de dezembro de 2014, tornadas públicas posteriormente.

[...] Há interesses por parte dos dois países. Com relação aos EUA, é necessário considerar a liderança que Barack Obama pretende exercer internacionalmente. Para Cuba, o processo de liberação econômica em curso, por mais lento ou errático que seja, gera oportunidades financeiras e de intercâmbio para os quais o embargo representa um obstáculo.

São essas as questões a impulsionar e a respaldar a vontade de aproximação entre os governos, que têm feito o possível para a aproximação. E se realmente estão podendo concretizá-las é porque, além disso, têm conseguido encontrar pontos de negociação que beneficiam a ambos e que, ao mesmo tempo, evitam os temas momentaneamente inegociáveis.

Os aspectos contemplados têm relação com a cooperação relativa a temas como ebola, fluxo de visitantes à Ilha, autorização de transações financeiras, etc., mas em nenhum caso se contemplam as ques-

bém nas 27 declarações realizadas na Cúpula, uma delas exclusivamente dedicada a essa questão, onde a região se manifesta, de forma unânime, contra o bloqueio, por violar o direito internacional, e solicitando ao Congresso dos EUA que aborde tal questão e decida sobre a suspensão do embargo. [...] Tal petição sempre será uma forma positiva de impulsionar as negociações.

Sonia Alda Mejías é pesquisadora principal para a área de América Latina do Instituto Universitário General Gutiérrez Mellado, em Madri. A convite do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (**Unesp**, Unicamp e PUC-SP), esteve no Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (Ippri) da **Unesp** em dezembro de 2014, quando ministrou a disciplina Violência na América Latina e Políticas de Segurança).

Este texto foi publicado originalmente no site *Infolatam: información y análisis de América Latina* <<http://goo.gl/pLk6rm>>. Tradução: Genira Chagas.

A íntegra deste artigo está disponível no "Debate Acadêmico" do Portal Unesp, no endereço <<http://goo.gl/JzHGsf>>.

A LÓGICA DE OBAMA PARA A AMÉRICA LATINA

Carolina Silva Pedroso



Ilustração Paulo Ciola

No final de 2014, parte do mundo assistiu com surpresa à aproximação de Barack Obama e Raúl Castro, após mais de 50 anos de relações diplomáticas rompidas entre seus países. Em março de 2015, quando o mesmo Obama elevou o tom contra a Venezuela de Nicolás Maduro, gerou-se uma confusão entre aqueles que entendiam o diálogo com o regime cubano como uma nova abordagem para as relações hemisféricas, em que o jogo diplomático e o entendimento seriam prioritários. Com uma breve análise dos dois casos, procuraremos demonstrar por que as motivações da Casa Branca são mais complexas do que aparentam.

A ilha caribenha vive um momento de abertura econômica e política desde que Fidel renunciou ao poder em favor de seu irmão, fato que coincidiu com a primeira eleição de Obama. Tais mudanças decorrem da necessidade de reformular um aparato econômico obsoleto e de demandas das novas gerações. Com a desintegração do bloco socialista na década de 1980, a ilha perdeu uma fonte de recursos importante e, desde então, sobrevivia de atividades pouco rentáveis. A chegada de Hugo Chávez ao poder ofereceu um alívio para os irmãos Castro a partir dos anos 2000, pois selou acordos envolvendo a venda subsidiada de petróleo venezuelano que foram essenciais para a sobrevivência do regime. Mesmo assim, Raúl preferiu seguir um caminho mais pragmático para não depender de um só sócio. Nesse sentido, a busca por diversificação de parcerias pode ser exemplificada na reforma do porto de Mariel, uma vez que sua localização estratégica (é o mais próximo da Flórida) deve abrir as portas para a inserção de Cuba no comércio internacional. Por esse motivo, a disposição dos Estados Unidos em rever suas relações bilaterais deve ser lida sob a óptica das corporações norte-americanas, ávidas por abocanhar mais um mercado consumidor, do que como uma ação benevolente para a manutenção do socialismo. Ademais, não se pode desconsiderar o peso crescente da população de origem

Política externa dos EUA para a região passa por questões geopolíticas e econômicas, em que petróleo, recursos naturais e interesses das grandes empresas são evidentes

latino-americana nas eleições estadunidenses, em especial da comunidade cubana, que é bastante organizada politicamente e que seria beneficiada com a retomada das relações diplomáticas.

O caso venezuelano é um pouco mais complexo. [...] A mútua dependência comercial tem sido responsável por evitar a completa ruptura das relações políticas: desde 2010 os países não possuem embaixadores, que nas respectivas embaixadas foram substituídos por encarregados de negócios. No entanto, não se sabe se dessa vez o comércio petrolífero será suficiente para impedir a escalada das tensões entre Washington e Caracas. Um dos motivos é a busca pela diminuição da dependência comercial, observada tanto por parte da Venezuela, cuja parceria com a China e a Rússia é sintomática, quanto dos Estados Unidos, que investem crescentemente no uso do gás de xisto. Do ponto de vista político, há um agravante: o desmonte da Operação Jericó, plano que previa o bombardeio do palácio presidencial de Miraflores, revelou que mais uma vez o governo estadunidense estaria envolvido em uma operação golpista, como em 2002. Naquela ocasião, o governo Bush eximiu-se de responsabilidades, apesar da existência de provas. Desta vez, Obama não só ignorou esse fato, como ainda

apontou a Venezuela como uma ameaça à segurança nacional por meio de um decreto executivo, que agora torna o país sul-americano suscetível a sanções econômicas semelhantes às já aplicadas à Rússia, Síria e Irã. Assim como no caso de Cuba, a audiência interna também pressionava o presidente norte-americano a adotar ações mais enfáticas em relação à Venezuela, mas em um sentido punitivo. A maioria dos venezuelanos que vivem nos Estados Unidos é composta por antichavistas, que esperavam de Obama sanções e retaliações que prejudicassem o governo de Maduro.

Em suma, compreender a política externa de Obama para a América Latina passa por questões geopolíticas e econômicas, em que o petróleo, os recursos naturais e os interesses das grandes empresas são evidentes. Chamamos atenção para outro componente pouco destacado nas análises, que é o cenário político interno e a sua relação com o eleitorado de origem latina, que, a despeito de ser menos determinante que os demais fatores já citados, também auxilia na visualização de um cenário complexo e de múltiplos interesses. Em um contexto de perda de apoio do Congresso – as eleições de meio de mandato em 2014 representaram uma derrota histórica do Partido Democrata –, Obama aproveita as situações em que a autoridade do Executivo prescinde do Legislativo para agir, obtendo legitimidade de grupos internos eleitoralmente relevantes. Dessa forma, ele responde a uma demanda interna e ainda enfraquece regimes destoantes do modelo de democracia liberal usando medidas econômicas, furtando-se assim do uso da força militar e dos desgastes internacionais oriundos de uma postura mais belicista.

Carolina Silva Pedroso é mestra e doutoranda em Relações Internacionais do Programa San Tiago Dantas (Unesp, Unicamp e PUC-SP) e pesquisadora do Instituto de Estudos Econômicos Internacionais da Unesp e do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Estudos sobre os Estados Unidos.



5 Professor da Unesp integra equipe que descobriu nova espécie de tubarão

10 Dois eventos reúnem especialistas para debater importância da água

11 Centro de Documentação e Memória recebe acervo de Vladimir Herzog



jornal unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA • ANO XXX • NÚMERO 310 • MAIO 2015



DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DO FUTURO



123RF

Os rumos das atividades exercidas pela Universidade foram analisados em dois eventos recentes. Um deles enfatizou a gestão universitária e a urgência de formação de quadros qualificados para essa tarefa. O outro abordou a necessidade de novas opções de pesquisa, que substituam os tradicionais testes com animais.

páginas 6 a 9.

16 Projeto Fábrica de Operas apresenta três obras, com participação de alunos

12 Seminário debate qualidade da alimentação no Brasil e na América Latina

5 Árvore do Mangue poderá produzir remédio contra mal de Alzheimer

Riscos do governo Obama
Presidente dos EUA enfrenta questões como aproximação com Cuba e domínio do Congresso pela oposição



A violência na Universidade

Propomos tolerância zero em relação ao uso de álcool e outras drogas e a práticas violentas

José Manoel Bertolote

Shutterstock

A sociedade brasileira de hoje é uma das mais violentas do mundo ocidental, a ponto de a maior parte das pesquisas de opinião pública indicarem a falta de segurança como uma das três maiores preocupações da sociedade. No Brasil, indicadores de homicídio, de violência contra a mulher, de agressões físicas diversas, de assaltos e outras agressões contra a propriedade, de autoagressão, de acidentes, atingiram níveis intoleráveis.

Infelizmente, essa violência que assola a sociedade brasileira cruzou os muros da academia e hoje, na **Unesp**, e em muitas outras Universidades brasileiras, convivemos com diversas formas de violência explícita ou mais sutil. Praticamente todos os dias lemos em jornais e revistas, ouvimos no rádio e vemos na TV notícias sobre trotes violentos, abusos sexuais e estupros cometidos sobre e por estudantes universitários, alguns deles dentro do próprio câmpus.

Sabemos ainda que por trás da maioria dos atos de agressão existe com frequência a participação de bebidas alcoólicas e de outras drogas, com um claro predomínio do álcool.

Na **Unesp**, a situação ultrapassou todos os limites do que pode ser tolerado, com a expulsão de aluno por trote violento (algumas vezes empregado como eufemismo de estupro) e mortes, em um ano, de três alunos em situações de uso excessivo de bebidas alcoólicas e de outras drogas. A morte de um jovem será sempre uma tragédia pessoal e familiar. Três mortes de estudantes universitários nessas condições, além de algumas mortes de estudantes que estavam dirigindo embriagados, além da tragédia mencionada, indicam um estado de calamidade pública que deve ser urgentemente interrompida e prevenida doravante.

Sabemos, a partir de diversas experiências nacionais e internacionais, bastante sólidas do ponto de vista científico, que as iniciativas e os programas de controle da violência mais bem-sucedidos partiram de uma política de tolerância zero em relação a, por exemplo, porte de armas, uso de álcool e outras



No Brasil, homicídios, ataques a mulheres, assaltos e outras agressões contra a propriedade têm índices intoleráveis

drogas e de comportamentos violentos de qualquer natureza.

Essa é a política que queremos implantar e implementar no âmbito de toda a **Unesp**, ouvidos os órgãos competentes. A tolerância zero se refere também ao uso indevido de bebidas alcoólicas nos câmpus e em qualquer evento, de qualquer natureza, que esteja vinculado de alguma forma ao nome da Universidade.

Grande parte do sucesso das campanhas de redução do uso do fumo se deveu ao conceito de “dano aos outros”. Os fumantes passivos constituíram a base da população de não fumantes, majoritária em relação aos fumantes, que exigiu que fossem criados, entre outras coisas: (a) os ambientes livres de fumo, (b) os “fumódromos” para os portadores da dependência do tabaco (um transtorno mental codificado pela Classificação Internacional de Doenças da OMS), (c) o controle da publicidade dos produtos

fumígenos e (d) os programas de atenção à saúde desses dependentes.

Há hoje toda uma literatura emergente indicando que a situação é muito parecida em relação ao álcool: apesar dos inumeráveis danos que o bebedor causa a si mesmo, mais danos ainda são causados aos outros (“bebedores passivos”): agressões (físicas e sexuais), ferimentos e morte de passageiros de carros dirigidos por motoristas embriagados, atropelamentos por motoristas idem, danos e perdas materiais causados por pessoas sob a influência do álcool etc.

A legislação trabalhista prevê a demissão por justa causa do trabalhador que se apresentar embriagado ao serviço ou embriagar-se em horário de trabalho. Porém, a legislação impede a demissão de trabalhadores portadores de transtornos por uso de álcool (ou outras substâncias psicoativas) ou por uso abusivo dessas mesmas

substâncias; nestes casos, o trabalhador é encaminhado para tratamento especializado. Por que não aplicar os mesmos princípios para nossos estudantes?

É lamentável, deplorável e inaceitável que um aluno compareça embriagado ou “chapado” a uma sala de aula, laboratório ou outro espaço educacional, algumas vezes carregado ou apoiado em colegas bem intencionados, que ignoram que isso apenas “empurra com a barriga” o problema. O professor, em casos como esse, tem a obrigação de encaminhar incontinentemente qualquer estudante sob a influência de qualquer substância psicoativa a um serviço de saúde. As Seções Técnicas de Saúde (STS) da **Unesp** estão equipadas para lidar com tais casos. Deixar de fazê-lo pode caracterizar crime de omissão de socorro a pessoa em perigo ou necessidade.

Tolerância zero em relação a todas as formas de violência.

Redução dos danos a outros devidos ao uso de álcool e outras drogas, em todo o âmbito da **Unesp** e em qualquer atividade associada ao seu nome. Os direitos humanos agradecem. A ética agradece. A saúde agradece. E a **Unesp** cumpre seu papel maior de instituição de ensino.

José Manoel Bertolote é professor titular (visitante) do Australian Institute for Suicide Research and Prevention (Aisrap), Griffith University, Brisbane, Austrália, e assessor voluntário do Departamento de Neurologia, Psicologia e Psiquiatria, da Faculdade de Medicina de Botucatu da **Unesp**.

Sobre as ações que vêm sendo tomadas pela **Unesp** contra a violência, leia <<http://goo.gl/2ZiLNC>>.

Educação aproxima Brasil e França

Max Butlen veio ao Brasil para discutir formação de professores e promoção da leitura

Oscar D'Ambrosio

A Unesp recebeu, entre os dias 1º de março e 3 de abril, o professor Max Butlen, da Universidade de Cergy-Pontoise, da França. Butlen veio como professor-visitante, em um projeto elaborado pelo professor Alonso Bezerra de Carvalho, docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp de Marília e do Departamento de Educação da Unesp de Assis. A iniciativa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Mestre em Literatura e Didática Moderna pela Universidade Paris 7 e doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Sorbonne, o professor Butlen foi encarregado de projetos na área de formação de professores e de leitores junto ao Ministério da Educação francês e na de cooperação junto ao Ministério da Educação brasileiro.

Durante a visita, Butlen promoveu várias atividades, como o oferecimento de uma disciplina na Pós-Graduação em Marília, reuniões com pesquisadores, palestra para alunos e professores da graduação e demais interessados, além de encontro com docentes que desenvolvem projetos na área de formação de professores, como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid).

Para um melhor contato com a realidade educacional brasileira, ele participou ainda de visitas a escolas públicas. O objetivo foi favorecer o conhecimento, a troca de ideias e as observações das peculiaridades e diferenças entre Brasil e França.

“Essa atividade tem também o objetivo de contribuir na elaboração de projetos futuros, de maneira que possamos ampliar as opções no campo das pesquisas e da prática pedagógica”, destaca Alonso. Ele lembra ainda que, em breve, professores das unidades de Marília e de Assis da Unesp vão à Universidade de Cergy-Pontoise, dentro do Programa de Graduação Inovadora, da Pró-reitoria de Graduação.

A seguir, a entrevista concedida pelo especialista francês ao **Jornal Unesp**:

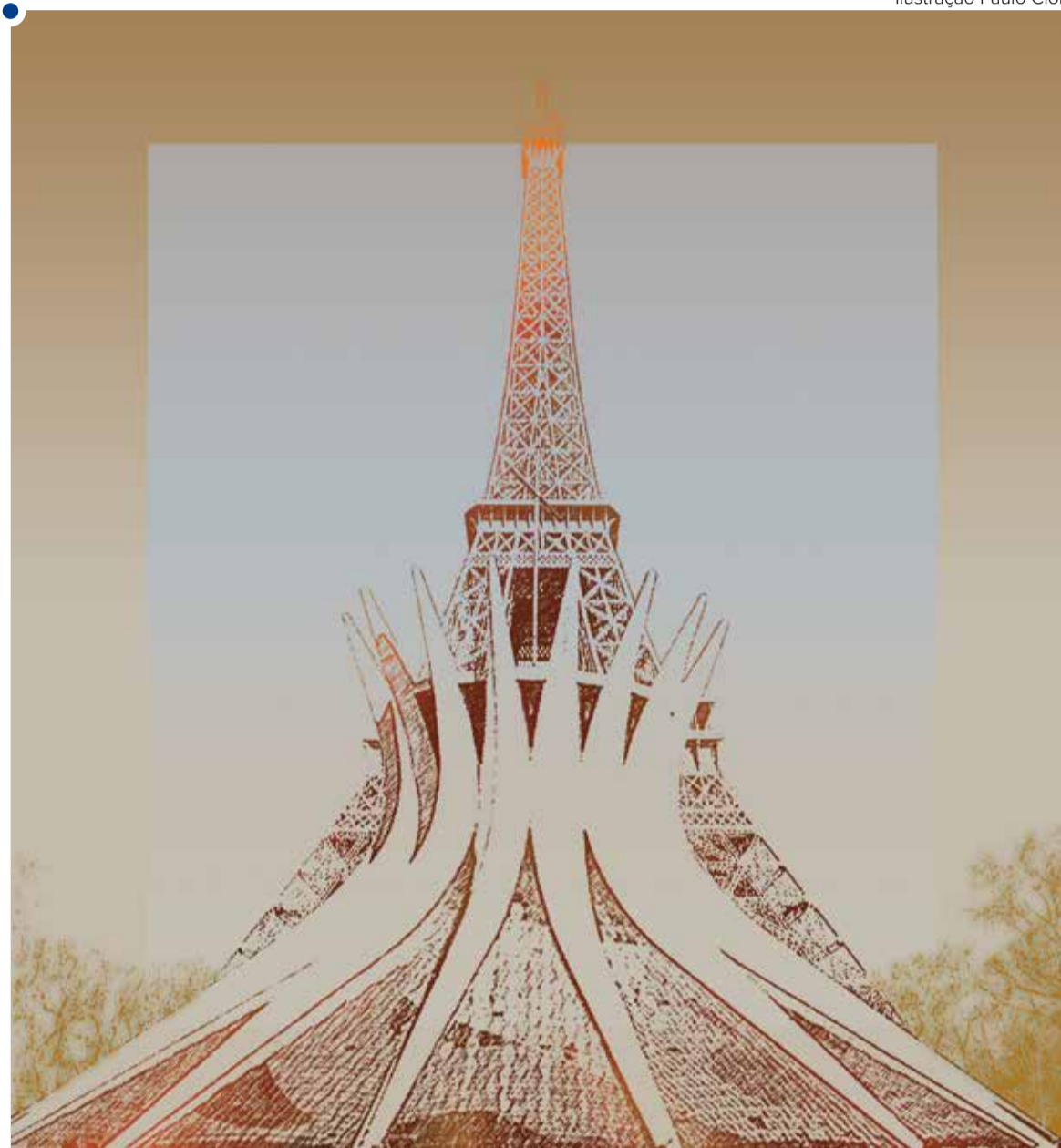


Ilustração Paulo Ciola

Divulgação



Governo precisa valorizar professor, assinala Butlen

Educadores desejam que todas as crianças tenham acesso à cultura digital, afirma Butlen

Jornal Unesp: Qual é o maior desafio hoje na formação de leitores?

Max Butlen: Formar um leitor polivalente, capaz de ler todos os tipos de textos em todos os suportes existentes, é um desafio grande. Isso significa a presença da leitura nos mais variados espaços, como a casa, a sala de aula, a biblioteca da escola e a do município. O sujeito leitor deve ser estimulado a ter uma leitura crítica, alargando as suas competências e participando plenamente da cultura escrita.

JU: Como essa prática da leitura se dá numa sociedade cada vez mais informatizada?

Butlen: O acesso a uma sociedade cada vez mais

informatizada supõe que todos os alunos estejam lendo em diversos suportes. Isso, porém, não é totalmente verdade. A prática da leitura não é automática. Precisa ser aprendida em casa e na escola. O esforço dos educadores é rumo a uma sociedade em que todas as crianças possam ter acesso à cultura digital. Muitas vezes o uso da informática ou do celular é coibido em sala de aula, embora esteja presente nas famílias e na sociedade. O fato é que a escola precisa estar mais integrada em suas abordagens pedagógica e didática com a cultura digital.

JU: Como o professor formado no século XX convive com o aluno do século XXI?

Butlen: O aluno nascido no século XXI precisa ser formado pela escola. O papel dos pais e da sociedade é formar esses jovens. Isso não ocorre de imediato. Existe hoje uma massificação do sistema educativo, pois mais alunos vão para a escola, chegam ao ensino médio e à universidade. O desafio é transformar essa massificação da população escolar em democratização. A massificação existe; a democratização é uma luta para que todos os alunos possam ter melhores possibilidades e maiores oportunidades.

JU: Quais as semelhanças e diferenças entre a educação na França e no Brasil?

Butlen: A maior semelhança

é o esforço para construir uma escola que democratize as possibilidades das vidas futuras, oferecendo caminhos para que cada indivíduo se integre na sociedade do século XXI. As diferenças são muitas em termos de história e de cultura. Mesmo assim, sempre houve grande intercâmbio entre Brasil e França, com grande circulação do saber. Há uma tradição muito forte de enriquecimento mútuo. Meu diálogo com o professor Alonso da Unesp, assim como com a professora Renata Junqueira, da Unesp de Presidente Prudente, pode ser incluído nessa perspectiva.

JU: Qual é a sua visão do educador brasileiro?

Butlen: Tenho encontrado professores muito motivados, que desejam fazer um bom trabalho docente para melhorar o próprio ensino e ter bons resultados com seus alunos. Trata-se de uma ação muito complexa, pois o mundo mudou, assim como os alunos. Para lidar com essa nova realidade, é necessária uma formação mais ampla. Os professores merecem, nesse contexto, por parte do governo, em todas as esferas, uma valorização e revalorização moral e salarial. Eles têm um papel essencial, já que nada é mais importante que a educação das crianças.

Trilha tecnológica

Empresa virtual de estudantes da **Unesp** de Presidente Prudente faz parceria com startup para criar produto que une sons e imagens em 360° para simular trajeto em área de lazer da cidade

Desde março, a Cidade da Criança, uma área de lazer localizada em Presidente Prudente (SP), está também aberta a visitas virtuais. Quem quiser conhecer uma de suas trilhas ecológicas sem sair de casa pode usar uma ferramenta produzida por jovens empreendedores: as fotoesferas georreferenciadas, que associam imagens interativas em 360° com os sons do local que elas apresentam.

Novidade no Brasil, o produto foi criado pela empresa virtual Fast View Maps, em associação com a Binaulab Áudio 3D, empresa pré-residente na Incubadora Tecnológica de Presidente Prudente (Intepp). A Fast View Maps foi formada por Rodrigo Mongeroht da Silva, Thales Akiyama e Giovani Guarizi, estudantes de Engenharia Cartográfica da Faculdade de Ciências e Tecnologia da **Unesp**, quando cursavam a disciplina de Empreendedorismo, ministrada pela professora Arlete Meneguette.

Após conhecer o projeto que os alunos pretendiam desenvolver,



Reprodução

Trabalho criado por jovens empreendedores propõe passeio pela Cidade da Criança

a docente colocou o grupo em contato com o técnico de som cinematográfico Pablo Ferverça Coitino, que dirige a Binaulab, e a proposta de trabalho foi posta em prática. Na Cidade da Criança, os estudantes fotografaram trechos de uma trilha ecológica, com um celular colocado em um tripé, utilizando o aplicativo Google Camera (destinado a smartphones Android). Simultaneamente, Coitino captou os sons desses

lugares, com um equipamento de gravação binaural, ou 3D, técnica que simula a audição humana. “O áudio 3D tem a propriedade de imergir o usuário no local onde foi realizada a gravação”, explica o sonoplasta.

As fotoesferas, em seguida, passaram por um processo de tratamento digital e foram inseridas no Google Maps Views, com uma localização geográfica precisa. Finalmente, por meio de

programas específicos, imagens e sons foram coordenados.

“Nosso produto oferece ao usuário a oportunidade de conhecer um lugar usando a visão e a audição, o que garante uma sensação mais próxima da realidade”, afirma Rodrigo. O estudante avalia que a disciplina de Empreendedorismo foi muito proveitosa. “Eu pretendo aperfeiçoar as técnicas que utilizamos e continuar o

trabalho nessa área”, conclui.

INICIATIVA

Arlete ressalta que, nessa disciplina optativa, ela estimula os estudantes a colocar em prática o que aprenderam, promovendo a formação de grupos que organizam empresas virtuais. “Eu procuro estimular nos meus estudantes uma atitude pró-ativa, em que eles buscam novas ideias e se esforçam por concretizá-las”, esclarece a docente, que enfatiza a importância da assimilação de novas tecnologias na sala de aula. “Acredito que podemos aprimorar a educação através do uso de novas estratégias de ensino-aprendizagem”, completa.

O trajeto virtual da trilha ecológica da Cidade da Criança pode ser acessado em: <http://goo.gl/wmFtCW>. Conheça melhor as empresas autoras do projeto acessando: <http://goo.gl/AahIqJ>.

Computação pela ciência

Evento no ICTP-SAIFR abordou o desenvolvimento de softwares para apoiar pesquisas

Ricardo Aguiar

O ICTP-SAIFR promoveu, entre os dias 13 e 30 de abril, um evento externo do ICTP-Trieste, dedicado a técnicas avançadas em computação científica. Durante esse período, foram realizados um workshop de duas semanas, voltado para pesquisadores de diferentes áreas, e um curso de uma semana, dedicado à física de partículas. O evento foi organizado juntamente com o Núcleo de Computação Científica (NCC) da Unesp e teve a presença de palestrantes internacionais, como Ivan Girotto, do ICTP-Trieste.

“Entre os nossos principais objetivos está melhorar a compreensão sobre o desenvolvimento de softwares para a ciência”, diz Girotto. “Queremos disseminar o

conhecimento que temos principalmente para jovens pesquisadores, pois a computação científica tem-se tornado cada vez mais importante e é aplicada atualmente a diversas áreas da ciência.”

WORKSHOP

O Workshop teve como alvo cientistas que utilizam técnicas de computação científica em suas pesquisas. Entre os principais exemplos de aplicação estão modelos de previsão climática, de biofísica e de física de partículas. O evento envolveu palestras e aulas práticas, nas quais os participantes desenvolveram projetos para aplicar o conhecimento adquirido no curso.

“Ao longo das duas primeiras semanas, tentamos passar para os participantes conceitos



Divulgação

Encontro enfocou técnicas avançadas de computação científica

fundamentais de programação científica utilizando, entre outras ferramentas, a linguagem de programação Python”, explica Gabriel von Winckler, do NCC, um dos organizadores do evento.

O Workshop também estimulou a colaboração entre pesquisadores de diferentes universidades e países. O evento já teve duas edições realizadas no ICTP-Trieste e encorajou novas parcerias e

ideias. “Vemos que os participantes continuam conversando e trabalhando juntos em projetos após a realização dos eventos”, diz Girotto.

FÍSICA DE PARTÍCULAS

O curso que acompanhou o Workshop foi dedicado à aplicação da computação científica à física de partículas. Nessa área, a computação de alta performance é fundamental para realizar simulações complexas de colisão de partículas em grandes aceleradores, e também para o processamento de toda a informação gerada pelos experimentos. Parte do processamento dos dados do LHC, maior acelerador do mundo, é realizado no Sprace, uma estrutura de computação localizada no NCC.

Nova espécie de tubarão

Equipe que fez descoberta é integrada por pesquisador do Câmpus de São Vicente, onde funciona um dos principais laboratórios de estudo de tubarões e raias do País

Com quase 200 espécies, o Brasil possui uma das maiores diversidades de tubarões e raias, animais que formam o grupo dos elasmobrânquios. Essa significativa população ganhou recentemente mais um membro reconhecido pela ciência: o *Scyliorhinus ugoi*, espécie que integra a família dos chamados tubarões-gato.

A descoberta da nova espécie foi feita pelo professor Otto Bismarck Fazzano Gadig, do Câmpus do Litoral Paulista da Unesp de São Vicente; por Karla Soares, do Instituto de Biociências da USP; e por Ulisses L. Gomes, do Instituto de Biologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Os três pesquisadores anunciaram a novidade num artigo publicado



Exemplar da espécie, que tem cor escura e pode chegar a 70 cm

na conceituada revista *Zootaxa*, no dia 25 de março. A *Scyliorhinus ugoi* é a terceira espécie de tubarão descoberta por Gadig.

Os tubarões-gatos distribuem-se numa faixa do Oceano Atlântico que vai do Rio de Janeiro ao Piauí. Esses predadores vivem em águas

entre 400 e 500 metros de profundidade e alimentam-se de pequenos peixes e invertebrados. Apresentam olhos alongados e de cor verde – semelhantes aos de gatos, daí seu nome popular – e são ovíparos, ou seja, seus embriões se desenvolvem dentro de ovos.

A nova espécie, porém, tem

algumas características próprias. Ela apresenta uma cor bem mais escura que outras já conhecidas dessa família, cujo colorido costuma variar do amarelo ao castanho. “No caso da espécie *Scyliorhinus ugoi*, o indivíduo adulto pode medir cerca de 70 cm, enquanto em outras espécies de tubarão-gato eles medem em média 50 cm”, explica Gadig.

O LABORATÓRIO DE SÃO VICENTE

A descoberta do *Scyliorhinus ugoi* baseou-se em espécimes que integravam o acervo do Laboratório de Pesquisas de Elasmobrânquios da Unesp de São Vicente. Coordenado pelo professor Gadig, esse laboratório é um dos mais importantes do país na área de estudo de tubarões e raias.

Inaugurado em 2011, o local

tem uma coleção científica com cerca de 60 espécies de elasmobrânquios do Brasil. “Nosso objetivo é atingir uma coleção com aproximadamente 100 espécies”, declara Gadig.

O laboratório também conta com um acervo que reúne entre 2 mil e 3 mil espécimes (indivíduos). Esse vasto material de estudo suporta as atividades de 12 alunos, que realizam estudos de iniciação científica, mestrado e doutorado, em diversas linhas de pesquisa. “Eles estudam desde alimentação e reprodução, até genética e taxonomia dos animais”, comenta Gadig.

Mais informações sobre a descoberta em: <http://goo.gl/aC4KFf>.

Remédio que vem do Mangue

Pesquisadores avaliam produto natural para combater males como doença de Alzheimer e tumores

Os manguezais têm uma grande importância ecológica, por exercerem funções como as de berçário e abrigo de diversas espécies animais. Mas não é só isso. Sua vegetação é formada por inúmeras plantas e árvores que podem levar à produção de vários medicamentos. “O Mangue é um bioma praticamente desconhecido”, afirma Marcos Hikari Toyama, professor do Câmpus da Unesp de São Vicente.

Um exemplo desse potencial é o mangue-branco (*Laguncularia racemosa*), uma árvore que pode chegar a 18 metros de altura e é encontrada na região costeira das Américas, tanto do lado do Oceano Atlântico quanto do Pacífico, além da África. Uma equipe coordenada por Toyama está pesquisando uma substância presente nessa espécie vegetal que pode controlar a produção da enzima fosfolipase A2 secretória (sPLA2).

No organismo humano, essa enzima exerce funções importantes, por exemplo, nas reações químicas que ocorrem nas células e no combate a microrganismos indesejáveis.



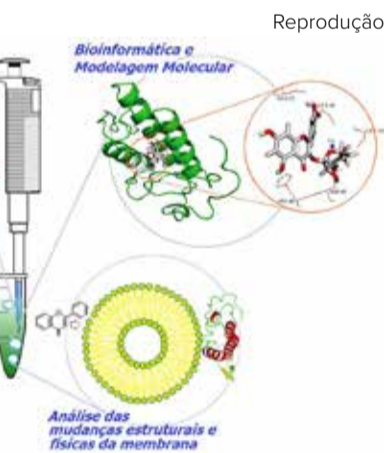
Para avaliar substância presente no mangue-branco, equipe de Toyama utilizou ferramentas de bioinformática e modelagem

No entanto, devido a fatores como estresse, elas podem ser superexpressadas, ou seja, produzidas em excesso, tornando-se a causa de problemas como moléstias neurodegenerativas – como o mal de Alzheimer –, doenças inflamatórias e tumores.

TESTES IN VITRO E IN VIVO

Inicialmente, a equipe realizou uma série de testes *in vitro*, por meio de análises bioquímicas e de biologia molecular, além de estudos biofísicos para proteínas, para avaliar principalmente as mudanças que a estrutura da

sPLA2 sofria sob o efeito de produtos naturais e compostos sintéticos. Essa interação dos compostos com a enzima foi em seguida analisada por meio de ferramentas de bioinformática e modelagem. No caso da modelagem, os trabalhos foram feitos em colaboração com o professor Marcos Roberto de Mattos Fontes, do Instituto de Biociências (IB), da Unesp de Botucatu. Finalmente, foi investigado o efeito desses compostos sobre membranas artificiais, em conjunto com a Universidade do Porto, de Portugal.



Como resultado desse processo, os pesquisadores selecionaram uma substância natural, que na etapa seguinte foi testada com sucesso em camundongos, no controle da fosfolipase A2 secretória. Toyama ressalta que um dos desafios do grupo é encontrar compostos naturais que inibam a ação da sPLA2 na produção de doenças, sem afetar a sua estrutura molecular. “Compostos naturais também podem induzir a uma alteração estrutural da enzima que pode ocasionar outras doenças”, adverte.

O pesquisador informa



que, em cerca de uma década de atividade, o grupo já testou diversos compostos naturais, de vegetais dos manguezais – como o mangue-branco e o mangue-botão –, algas marinhas, plantas do Cerrado e plantas de altitude. “Nossa especialidade é pesquisar compostos naturais, que poderão levar à obtenção de novos fármacos”, esclarece. “Além disso, as nossas pesquisas feitas vêm estabelecendo novos métodos *in vitro* para reduzir a necessidade do uso de animais de laboratório e prever possíveis efeitos colaterais a longo prazo de determinados compostos anti-inflamatórios.”

UNIVERSIDADE DO FUTURO

Workshop reúne especialistas da Unesp e de instituições do País e do exterior para debater modelos de gestão para o ensino superior dos próximos anos

Daniel Patire

Os rumos da gestão e do ensino na **Unesp** nos próximos anos foram o foco de debates entre pró-reitores, diretores de unidades, professores e alunos, no dia 9 de abril, em São Paulo. Os representantes da comunidade universitária se encontraram no workshop “A Universidade do Futuro”, que foi promovido pela Escola Unesp de Liderança e Gestão e realizado no anfiteatro do Núcleo de Educação a Distância (Nead) da **Unesp**, no bairro do Ipiranga. (Veja quadro 1.)

A proposta do evento, que envolveu palestras e conferências, foi contribuir para efetivar a missão e a visão da Universidade, estabelecidas em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI). Ao abrir os trabalhos do encontro, a vice-reitora Marilza Vieira Cunha Rudge ressaltou a importância do workshop e, sobretudo, da Escola para a concretização do PDI. “Esse documento expressa o sentimento e desejos de uma comunidade. Ele é fruto de um processo amplo de debates”, assinalou. (Veja quadro 2.)

NA DIREÇÃO DO FUTURO

A pró-reitora de Pesquisa, Maria José Soares Mendes Giannini, destacou a importância de se efetivar hoje o direcionamento do ensino e da gestão universitária. “O futuro se faz agora”, disse.

Para o cientista político Marco Aurélio Nogueira, professor da Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Araraquara, e diretor do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (Ippri) da **Unesp**, é possível orientar a marcha para um futuro desejado, por meio de ações e planejamentos que levem em conta a complexidade das atividades da Universidade e as diferentes pressões sofridas pela instituição, vindas da sociedade, dos diferentes níveis de governo e do mercado.

De acordo com Nogueira, no cenário atual, que se expressa por uma grande velocidade de inovação, insegurança, incertezas e fragmentação, é necessário criar uma nova



Shutterstock

Evento buscou efetivar a missão e a visão da Universidade, definidas no Plano de Desenvolvimento Institucional

forma organizacional. Para isso, a formação de gestores se torna uma diretriz estratégica para a Universidade. “O ambiente ficou complicado demais para ser dirigido sem conhecimentos especializados”, destacou.

Para a aluna Jéssica Marcucci, do curso de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Câmpus de Rio Claro, o futuro da **Unesp** passa pelo fortalecimento dos laços do tripé ensino-pesquisa-

extensão. Ela apresentou seu trabalho *A Universidade do futuro*, premiado com o primeiro lugar na I Olimpíada da Pró-reitoria de Pesquisa (Prope), em 2014.

Por meio da técnica de desenho japonesa mangá,

Jéssica criou personagens, como professores e estudantes, para descrever a relação existente entre as três áreas. “A mensagem que quero passar com esse projeto é que, por meio da interação dessas três ações, devemos inovar.

Fotos Daniel Patire



Barnett propôs a Universidade Ecológica para enfrentar globalização do conhecimento



Diante da complexidade social, é necessária a formação de gestores, disse Nogueira



Com criação influenciada por mangá, Jéssica discutiu ensino, pesquisa e extensão

E a inovação é baseada no conhecimento. E este é sempre um caminho a ser construído”, explicou.

FORMAÇÃO DE LÍDERES

Por meio de videoconferência, o reitor da Universidade de Minerva (EUA), professor Stephen Kosslyn, apresentou o modelo de ensino da instituição. Com base no desenvolvimento de quatro competências – pensamento crítico, pensamento criativo, comunicação efetiva e interação efetiva –, os alunos da Minerva são formados para serem profissionais globalizados, em meio a um cenário multicultural.

O reitor explicou que, no primeiro ano de seus cursos, os estudantes têm quatro disciplinas para desenvolverem essas competências, que serão avaliadas ao longo de toda a sua vida universitária. As aulas utilizam-se de ferramentas tecnológicas de comunicação, como videoconferências, permitindo o debate de temas e a realização de trabalhos em grupo. Além dessas atividades acadêmicas, os alunos têm a oportunidade de fazer estágios em diferentes locais do mundo, ou mesmo na Califórnia.

Entre os exemplos citados por Kosslyn, estudantes da universidade trabalham e desenvolvem projetos, com enfoque na complexidade, com habitantes sem-teto da região. “A intenção é que eles possam vivenciar e compreender diferentes realidades e encontrar soluções para os problemas reais”, salientou. “Nossa metodologia é baseada na educação participativa e na prática.”

De acordo com o reitor, o objetivo da instituição é formar profissionais que serão líderes criativos e inovadores, abrangentes, adaptáveis e cidadãos globais. “Queremos preparar líderes dentro desse cenário do novo século”, concluiu.

UNIVERSIDADE ECOLÓGICA

Já o professor emérito de Educação Superior na Universidade de Londres, Inglaterra, Ron Barnett apresentou a proposta da Universidade Ecológica (UE). Com o avanço da globalização, do capitalismo e toda ordem de fatores sociais, para Barnett, a universidade está perdendo suas fundações, ou seja, sua razão de ser em um mundo competitivo. Para ele, a saída é inovar dentro da própria instituição, imaginando e elaborando utopias. “Mas essas

As atividades da Escola

O workshop “A Universidade do Futuro” foi uma ação da Escola Unesp de Liderança e Gestão para o avanço e a elaboração do projeto de uma instituição promotora de inovações sociais. A Escola tem por objetivo formar e capacitar os gestores da **Unesp**, compartilhar melhores práticas de gestão, analisar as práticas visando aprimorar os processos e melhorar a efetividade da gestão institucional. Por meio de atividades e de um diálogo amplo com os diferentes níveis de gestão da Universidade, como chefes de departamento, diretores universitários e da administração central, a Escola possibilita uma maior qualificação desses gestores, além de fomentar a inovação de processos e ações tanto acadêmicas quanto administrativas. Para a professora Cristiane Yumi Koga Ito, coordenadora da comissão gestora da Escola, ao longo de um ano, os membros da comissão



No evento, foi descerrada placa da nova sede, no Ipiranga

se envolveram nos estudos sobre a forma organizacional da **Unesp**, com o objetivo de contribuir para uma racionalização dos processos administrativos e de gestão, além das atividades de formação.

“Pelo caráter multicâmpus da Universidade, sua gestão é complexa, apresentando diferentes níveis de tomadas de decisão”, destacou Cristiane. “Acreditamos que, a partir das atividades de

formação, conseguiremos aliar a missão individual, a missão departamental, a missão da unidade, com a missão da Universidade.”

A Escola, idealizada pela vice-reitora Marilza Vieira Cunha Rudge, já promoveu várias iniciativas de formação e aprimoramento de dirigentes da **Unesp**, com cursos para diretores, pró-reitores, coordenadores e assessores, para chefes de departamento, para coordenadores de curso



Cristiane: comissão estuda forma organizacional da **Unesp**

e para vice-diretores de unidades e vice-coordenadores de unidades experimentais. Durante o workshop, foi descerrada a placa da sede da Escola, que já está em funcionamento na unidade do bairro do Ipiranga.

Para saber mais, acesse: <http://goo.gl/o4GKNc>.

utopias devem ser realizáveis”, avaliou o professor.

Uma utopia possível, segundo ele, é a Universidade Ecológica. Esse modelo procura relacionar o que o professor chama de economia global do conhecimento com as pressões do mercado e da concorrência. No entanto, a UE se desenvolveria nos espaços nos quais fosse possível cultivar os valores e ideias profundamente incorporados a essa instituição, como veracidade, curiosidade, diálogo crítico, disputa racional, e até empreendimento.

Além disso, a UE se relacionaria com os diferentes níveis de influência e de interesses, desde o indivíduo até as comunidades, expandindo-se também para o mundo e buscando a promoção do bem-estar em todos os níveis.

“Uma universidade que quisesse enxergar a si mesma como Universidade Ecológica se tornaria uma universidade criativa. Afinal, a tarefa de se criar uma Universidade Ecológica exige imaginação coletiva. Da mesma maneira, a arte da liderança universitária se torna em parte a de incentivar e orquestrar a criatividade coletiva, de modo que uma universidade concretize suas possibilidades em todos os níveis e em todas as suas atividades”, concluiu Barnett.

O Plano de Desenvolvimento Institucional

O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), que tem como coordenadora geral a vice-reitora Marilza Vieira Cunha Rudge, foi implantado em 2009 com a proposta de orientar as atividades da **Unesp** ao longo de uma década. O Plano afirma que a Universidade tem entre seus princípios a permanente criação e transmissão do saber, da arte e da cultura, por meio da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão universitária; da defesa da autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial;

do oferecimento de ensino público gratuito, laico e de qualidade; da formação de cidadãos críticos e capacitados para o exercício da pesquisa e de diferentes profissões; do respeito à liberdade intelectual e ao pluralismo de ideias, defendendo e promovendo a cidadania, os direitos humanos e a justiça social. Como Missão, o Plano destaca que a Universidade deve exercer sua função social por meio do ensino, da pesquisa e da extensão universitária, com espírito crítico e livre, orientados por princípios éticos e

humanísticos; deve promover a formação profissional comprometida com a qualidade de vida, a inovação tecnológica, a sociedade sustentável, a equidade social, os direitos humanos e a participação democrática; e gerar, difundir e fomentar o conhecimento, contribuindo para a superação de desigualdades e para o exercício pleno da cidadania. O PDI também aponta uma Visão de Futuro, segundo a qual a **Unesp** deve ser referência nacional e internacional de universidade pública multicâmpus de excelência no ensino, na pesquisa e na extensão universitária; que forme profissionais e pesquisadores capazes de promover a democracia, a cidadania, os direitos humanos, a justiça social e a ética ambiental; e que contribua para o letramento científico da sociedade e para a utilização pública da ciência.

Para saber mais, acesse: <http://goo.gl/aH2sB>.



A vice-reitora Marilza é coordenadora-geral do Plano

Novas opções de pesquisa

Participantes de workshop internacional discutem validade científica de estudos realizados com animais e propõem alternativas

Cíntia Leone

Um número cada vez maior de cientistas acha que experimentos em animais são caros, limitados e com resultados pouco confiáveis. Esse foi o assunto discutido em um workshop realizado em 1º de abril pela **Unesp**, com apoio da USP e da Fapesp, em São Paulo (SP), e que contou com pesquisadores e autoridades do Brasil e do exterior.

Intitulado “Progress on alternative in vitro methods for the safety assessment of chemicals and their impact on human health: international and Brazilian views”, o workshop é, segundo os organizadores, parte de uma ação da Fapesp para aproximar estudiosos do tema e evitar que o País fique para trás na corrida por novos modelos.

“É uma busca necessária inclusive para que respeitemos a atual legislação”, ressaltou a pró-reitora de Pesquisa da **Unesp**, Maria José Giannini, lembrando aos participantes que o Brasil passou por mudanças recentes nessa área. Em janeiro de 2014, o Estado de São Paulo proibiu os testes em animais para fins cosméticos, e em junho a restrição chegou a todo o País.

Experimentos desse tipo passam por questionamentos no mundo inteiro, em especial no caso do mercado cosmético. A União Europeia banuiu os testes com animais para fins estéticos em 2013, incluindo também o comércio de produtos de beleza que tenham sido testados nessas cobaias. A lei é semelhante às existentes na Noruega, no Canadá e em Israel. Em 2014, a Índia, que já tinha legislação nesse sentido, determinou o fim da importação de bens de higiene e beleza desenvolvidos com experimentos desse tipo. Projetos de lei semelhantes tramitam nos EUA e na Austrália, aumentando ainda mais a pressão sobre países como Japão, China e Rússia, que ainda adotam a prática.

É TÓXICO!

A toxicologia, que estuda os efeitos colaterais das substâncias sobre os organismos, é uma das áreas



Shutterstock

Objetivo do encontro foi aproximar pesquisadores do tema e evitar que País fique para trás na corrida por novos modelos



Para Maria José, estudos precisam respeitar legislação



Testes feitos com invertebrados foram o tema de Junqueira



Hartung demonstrou otimismo com métodos alternativos



Testes com coelhos apresentam muitas falhas, segundo Eskes

de pesquisa mais dependentes dos testes em cobaias, e tem sido também a origem das mais recentes buscas por alternativas. “Nos EUA, os cientistas estão preocupados principalmente com os erros de resultados obtidos com os atuais experimentos *in vivo*”, explicou Thomas Hartung, do Centro de Alternativas aos Testes em Animais do hospital da Johns Hopkins University. “Os pessimistas enfatizam que 90% das pesquisas em toxicologia dependem de modelos animais. Eu sou um dos otimistas que veem um mercado para os métodos alternativos que corresponde a 90% de tudo o que é feito nessa área”, afirmou.

Hartung aponta como um

dos problemas a dificuldade em determinar o potencial cancerígeno de um composto. Isso porque, segundo ele, a predição de câncer entre espécies tem-se mostrado muito mais heterogênea do que os cientistas acreditavam décadas atrás. “O universo da toxicologia humana é muito maior do que esses testes reducionistas em animais podem alcançar”, advertiu.

Para Chantha Eskes, presidente da Sociedade Europeia de Toxicologia *in Vitro* (da sigla em inglês ESTIV), os testes em cobaias têm custo elevado e são difíceis de serem reproduzidos nas mesmas condições para revalidação dos resultados. “Estamos

convivendo com um número extraordinário de falsos positivos e negativos para resultados de testes em coelhos com substâncias potencialmente irritantes, o que além de um desperdício de recursos é um risco para a população.”

RASGANDO DINHEIRO

Há entraves éticos evidentes para exposição de pessoas a elementos de toxicidade desconhecida, e uma das soluções seria usar mais o teste em células humanas cultivadas (aquelas que crescem artificialmente em uma lâmina laboratorial). Essa é a opinião de Raymond Tice, do National Institute of Environmental Health Sciences (NIEHS), que está

envolvido com questões de saúde e de ambiente. “Precisamos de métodos que realmente predigam a reação de um composto quando ele for usado por humanos, e nesse sentido o modelo animal já se tornou pouco competitivo” explicou.

Tice destacou iniciativas como a criação de bancos de células-tronco e investigações sobre linhagens de patologias específicas. “A verdade é que os dados epidemiológicos de substâncias tóxicas em humanos estão pouco disponíveis”, disse, destacando o interesse do NIEHS em ampliar suas colaborações internacionais nesse campo.

Ele também criticou a obrigatoriedade dos testes em



Para Maria-Enger, utilização de animais em estudos é excessivo



Divulgação de práticas mais recentes é prioridade para Nunes



Uma pesquisa que dispensa cobaias foi apresentada por Sá-Rocha



Bancos de células-tronco são uma nova opção, segundo Tice



Pereira apontou métodos que estão sendo validados no Brasil

animais para liberação de novas drogas em diferentes partes do mundo. “De 5% a 12% dos fármacos que passam nos testes com cobaias não chegam ao mercado porque se mostram inviáveis para o uso humano”, disse. “É uma perda enorme de tempo e dinheiro.”

TESTE DOS TESTES

Após a fala do representante do órgão americano, duas iniciativas brasileiras foram debatidas no workshop: o Centro Brasileiro de Validação de Métodos Alternativos (BraCVAM) e a Rede Nacional de Métodos Alternativos (Renama). Criados, em 2012, os dois órgãos atuam conjuntamente. O BraCVAM recebe propostas de instituições de pesquisas e indústrias que tenham criado novos métodos e queiram submetê-los à aprovação no Brasil. A Renama realiza estudos que verificam a eficácia desses modelos e faz a recomendação para que sejam oficializados pelo Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (Concea).

Já a Sociedade Brasileira de Métodos Alternativos à Experimentação Animal (SBMAIt) tem, por fim, o papel de difundir as práticas mais recentes aprovadas no País, inclusive oferecendo treinamento, como destacou o diretor-presidente da entidade, Jadir Nunes.

Luiz Henrique Mourão do Canto Pereira, coordenador-geral de Biotecnologia e Saúde do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), explicou que a Renama funciona por meio de laboratórios já existentes em instituições públicas e privadas, que validam a eficácia de métodos praticados fora do Brasil. Entre as alternativas que estão sendo validadas no país pela rede está uma conhecida pela sigla HET-CAM, que usa a membrana de ovo embrionado de galinha para determinar se uma

substância tem potencial para irritar os olhos humanos.

“Ainda há áreas em que não é possível deixarmos de utilizar o suporte animal, mas já sabemos que ele não responde mais às nossas necessidades e está se tornando obsoleto”, opina Octávio Presgrave, coordenador da BraCVAM.

SENTINDO NA PELE

Segundo Canto Pereira, a Renama também tem investido em pesquisas para otimizar o uso de ferramentas computacionais que simulem o comportamento de moléculas candidatas a novos fármacos, além de promover o desenvolvimento de kits nacionais de pele humana reconstituída. “Sabemos que a importação desses kits é um entrave para a pesquisa brasileira, já que eles têm validade muito curta, o que é incompatível com os procedimentos burocráticos e sanitários próprios desse tema”, afirmou.

Ter acesso a esses kits é fundamental, por exemplo, para quem quer determinar se substâncias específicas são fototóxicas, ou seja, se causam dano à pele quando submetidas à luz. Esse é um desafio para Lorena Gaspar Cordeiro, da USP de Ribeirão Preto, que apresentou no workshop ensaios em que usa células humanas cultivadas para detectar agentes fototóxicos, com grande aplicação na indústria de cosméticos.

Vanessa Sá-Rocha é pesquisadora da Natura, empresa brasileira de produtos de beleza, onde procura técnicas que dispensem o uso de cobaias. Ela apresentou um estudo sobre compostos alergênicos que desenvolveu na Johns Hopkins University, onde estudou por meio do programa Ciência sem Fronteiras, do governo federal. “É muito crítico avaliar se um novo ingrediente causa reação em pessoas partindo do modelo animal, porque hoje já sabemos que a alergia apresenta muita

variação entre os seres humanos e até num mesmo indivíduo.”

OUTROS BICHOS

Juliana Campos Junqueira, do Instituto Ciência e Tecnologia da Unesp de São José dos Campos, usa modelos invertebrados para testes de toxicidade, como larvas de inseto e nemátodos. “O custo e a facilidade de replicar os resultados é uma das vantagens”, destacou. “Embora esses organismos não tenham a complexidade dos sistemas dos mamíferos, eles têm sistema imunológico e, por isso, servem de triagem para modelos vertebrados.”

Em parceria com a Embrapa e com a Universidade de Brown, nos EUA, Juliana desenvolveu um estudo no qual infectou larvas de *Galleria mellonella*, uma espécie de mariposa, com um fungo chamado *Candida albicans*, muito conhecido por causar infecções orais e genitais em humanos e que leva à candidose também em

outras espécies de mamíferos de importância comercial. Ela tratou as larvas do inseto com outro microrganismo, o *Lactobacillus acidophilus*, obtendo resultados favoráveis. “Queremos agora saber se é possível usar esse lactobacilo para criar um método de prevenção à infecção por *Candida*”, anunciou.

Para Silvy Stuchi Maria-Enger, da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da USP, há testes em animais sendo realizados de maneira desnecessária devido a problemas de formação de mestrandos e doutorandos, que não sabem fazer uma revisão da literatura científica. “Muita coisa já foi produzida, cobaias já foram usadas e não é preciso refazer. Ao contrário, você pode usar os resultados obtidos por outros estudos para, a partir daí, dar prosseguimento à sua investigação. É assim que funciona a ciência, afinal.”

Silvy estuda a corrosão e

a irritação na pele, com foco principalmente nos agrotóxicos. Segundo a professora, já há dezessete métodos alternativos para serem aplicados nessa área de pesquisa, incluindo o uso de microrganismos.

“Todos os modelos têm limitações e, provavelmente, não haverá um suporte que atenda a todas as necessidades de um estudo”, advertiu. Seguindo o mesmo raciocínio, Junqueira ressaltou: “A busca não deve ser por um protótipo perfeito, até porque o suporte animal também não é. Devemos adotar o método que responda de maneira mais adequada às características de cada investigação”.

As apresentações dos palestrantes podem ser acessadas no Portal Unesp, no endereço: <http://goo.gl/vGkhp4>.

Controle das pesquisas com animais na Unesp

Para Maria José Giannini, pró-reitora de Pesquisa da Unesp, a utilização de cobaias ainda é importante para a melhoria da saúde humana e de outros animais, mas a diminuição do seu uso é inevitável. “A demanda por validação de métodos alternativos já é uma realidade mundial, e os custos compensam os resultados”, diz Giannini.

Segundo a professora, a substituição já é necessária, por exemplo, para testar drogas mais modernas, como os medicamentos imunobiológicos, que atingem apenas moléculas específicas do organismo e que demandam até cinco vezes mais testes do que um remédio comum. Por isso a Unesp está colaborando para a criação do Centro para o Desenvolvimento e Validação de Métodos

Alternativos (CeDeVAM). A utilização de animais na pesquisa e no ensino na Unesp é fiscalizada pelos comitês de ética em pesquisa de cada unidade (os chamados CEUA). Eles são compostos por professores treinados nas legislações nacional e internacional sobre o tema, além de veterinários, biólogos e membros de sociedades protetoras dos animais. “A estrutura essencial mínima para manter biotérios tem custos maiores dos que os testes realizados em escala laboratorial em nível celular, *in vitro* ou *in silico*”, reforça a professora Ana Marisa Fusco Almeida, presidente da Comissão do Biotério da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Unesp em Araraquara. Uma das alternativas

consideradas pela Prope – já realizada por instituições estrangeiras –, utiliza células-tronco para fazer crescer órgãos humanos integrados a microchips capazes de reproduzir o funcionamento de órgãos vivos, como o pulmão e o coração. Os custos de implantação de uma estrutura como essa podem ser compensados porque, segundo Ana Maria, o método permite produzir em grande escala resultados multiparamétricos (que dizem, em tempo real, a pulsação, a pressão sanguínea, a temperatura, etc.) com quantidade muito menor de produto a ser testado. “Mas todos os métodos precisam ser validados, e a substituição total dos animais ainda levará certo tempo”, adverte.

Ambiente do debate

Instituto promove workshop para discutir questões como água, clima e energia

Oscar D'Ambrosio

Foi realizado, no dia 27 de março, no Instituto de Física da Universidade de São Paulo (IFUSP), o VIII Workshop de Educação e Pesquisa do Estado de São Paulo, com o tema "Água, Clima e Energia: Problemas e Desafios".

O evento foi promovido pelo Instituto para a Valorização da Educação e Pesquisa do Estado de São Paulo (Ivepesp), pelo Laboratório de Hidrometeorologia do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas (IAGUSP) e pelo IFUSP. "Achamos oportuno trazer os temas para dentro da universidade", esclareceu Helio Dias, presidente do Ivepesp.

Adalberto Fazzio, diretor do IFUSP, ressaltou que o evento seguia modelo consagrado entre universidades do exterior de tratar temas interdisciplinares, como a relação entre energia, água e ambiente.

Reitor da Unesp e vice-presidente de Ensino e Pesquisa do Ivepesp, Julio Cezar Durigan destacou que o Instituto busca utilizar seus conhecimentos



Daniel Patire

Durigan, entre Laerte Sodré Jr. (esq.) e Adalberto Fazzio, da USP

para exercer a cidadania. "O atual desafio é usar de maneira mais racional a água e a energia, entendendo, por exemplo, as relações complexas delas com o clima", afirmou.

Augusto José Pereira Filho, professor do IAGUSP, apontou a relação entre a menor incidência de nuvens, o maior calor na superfície da terra, o aquecimento da atmosfera e a redução na incidência de chuvas. "Nesse cenário, a educação ambiental para reduzir desperdícios e aumentar a sustentabilidade do sistema é muito importante", declarou.

Pesquisador da Michigan

State University (EUA), Wolfgang Bauer discorreu sobre o desequilíbrio gerado por fatores como o aumento da população e as alterações climáticas. "O equilíbrio entre os sistemas relacionados à água e à energia é essencial para um cenário de sustentabilidade", comentou.

A matriz energética brasileira foi o tema de José Goldemberg, do Instituto de Energia e Ambiente (IEE) da USP. "A recuperação do sistema hidrelétrico é uma necessidade, que demanda alto investimento", enfatizou.

Ivanildo Hespanhol, da Escola Politécnica da USP,

mostrou que existe tecnologia para que o esgoto doméstico ou industrial seja transformado em água que tenha usos altamente especializados. "O reúso de água caminha ao lado da educação ambiental, combatendo a cultura da abundância", concluiu.

MESA-REDONDA

A mesa-redonda "P&D: Água, Clima e Energia: Quais São os Desafios?" teve como moderador Ruy Altafim, da Escola de Engenharia de São Carlos (EESC-USP) e vice-presidente de Cultura e Extensão do Ivepesp.

Wagner Garcia, gestor do Centro de Controle Operacional da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), apresentou o perfil da empresa. "A atual crise lança um alerta de que a água é um bem finito, que precisa ser preservado para suprir as futuras gerações", finalizou.

"O Sistema Interligado Nacional (SIN) e o Papel das Previsões Meteorológicas e Climáticas no Planejamento e na sua Operação" foi o tema

de Paulo Ricardo Laudanna, gerente do Departamento de Planejamento e Produção da Companhia Energética de São Paulo (Cesp).

Segundo ele, um dos maiores problemas para a empresa é a dificuldade de fazer previsões. "Também necessitamos de técnicas que nos ajudem com o levantamento de volume de água e o dimensionamento de áreas muito fragmentadas, difíceis de mensurar", concluiu.

SOBRE O IVEPESP

O Ivepesp reúne profissionais da área da educação e da pesquisa do Brasil e de outros países, visando implementar ações para a valorização da educação, da pesquisa científica, da inovação tecnológica e do desenvolvimento institucional.

A reportagem sobre o workshop está disponível no Portal Unesp, no endereço: <http://goo.gl/ynvXqY>.

Água na agricultura

Seca foi um dos temas do evento com cientistas do Brasil e da Grã-Bretanha

Cíntia Leone

De 10 a 13 de março, a Unesp e o consulado britânico realizaram um workshop sobre o uso da água na agricultura e suas implicações sociais, ecológicas, políticas e econômicas. A plateia, formada por cientistas do Brasil e do Reino Unido, estabeleceu uma estratégia de cooperação em pesquisa nos dois países. A atual crise hídrica no Estado de São Paulo foi um dos destaques do evento.

O encontro foi custeado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e pelo britânico Newton Found. José Gilberto de Souza, da Unesp em Rio Claro, e Antônio Ioris, da Universidade de Edimburgo, na Escócia, coordenaram a iniciativa.

A pró-reitora de Pesquisa da Unesp, Maria José Soares Mendes



Cíntia Leone

Especialistas definiram estratégia de colaboração entre países

Giannini, reforçou que o tema é fundamental para o Estado de São Paulo e que a Universidade tem dado prioridade à internacionalização. "Cerca de 75% da produção científica atual da Unesp registrada na base de dados Scimago foi feita em cooperação com instituições do exterior", disse.

Ioris enfatizou a necessidade de investigar as crises hídricas para além de fatores climáticos e meteorológicos. "Os estudos

mais atuais sobre falta de água no mundo têm reforçado que as principais razões para a escassez estão ligadas a circunstâncias políticas, sociais e econômicas", disse.

CRISE NO SUDESTE

Sérgio Rezera, diretor da Agência Reguladora das Bacias do PCJ, referente aos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá, explicou que as bacias abastecem 5,9 milhões de habitantes da região e mais 5

milhões, aproximadamente, na Região Metropolitana de São Paulo, por meio do Sistema Cantareira.

Segundo Rezera, são estimados mais de 17 mil usuários rurais no PCJ, sendo que apenas 150 estavam legais até 2013. De acordo com ele, a estiagem levou alguns produtores a formalizar sua captação de água. "Também por conta da crise criamos o programa Pacto pela Água, que intensificou a fiscalização e deu incentivos aos produtores para que buscassem a outorga", explicou.

O EXEMPLO DA CALIFÓRNIA

A crise hídrica da Califórnia, nos EUA, foi o assunto do professor Clifford Andrew Welch, da Unifesp, campus de Guarulhos. Ele descreve a organização National Land for People, que teve destaque nos anos 70 e 80 por sua luta pela

reforma agrária naquele estado. O principal fator de mobilização, segundo o pesquisador, era o monopólio do uso da água pelos grandes produtores rurais.

"Hoje, o Vale Central é uma região desolada, totalmente devastada pelo uso exaustivo dos recursos hídricos no agronegócio", diz, referindo-se à região formada pelo encontro dos vales dos Rios Sacramento e San Joaquin.

O evento incluiu ainda palestras de Dominic Moran, do Scotland's Rural College (SRUC); de Bernardo Mançano Fernandes, da Unesp em Presidente Prudente; e de Ariovaldo Umbelino Oliveira, da USP.

As palestras estão disponíveis em: <http://migre.me/pes4m>.

Trabalho de revelação

Comissão da Verdade da **Unesp** apresenta resultados de um ano de pesquisa

Daniel Patire

Após um ano de trabalho, no dia 26 de março, a Comissão da Verdade (CV) da **Unesp** apresentou alguns resultados de seu esforço. Nesse período, a equipe pesquisou documentos, recolheu depoimentos e levantou dados sobre professores, servidores e estudantes perseguidos durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985). O anúncio foi feito no evento Debate Cedem, promovido pelo Centro de Documentação e Memória (Cedem) da **Unesp** e realizado na Praça da Sé, em São Paulo.

Participaram do debate as professoras Anna Maria Martinez Corrêa, presidente da CV e co-fundadora do Cedem; Angélica Lovatto, membro da comissão e docente da Faculdade de Filosofia e Ciências, Câmpus de Marília; o professor Paulo Ribeiro da Cunha, também do Câmpus de Marília; e José Luiz Del Roio, porta-voz do Comitê Paulista de Memória, Verdade e Justiça e vice-presidente do Instituto Astrojildo Pereira. A mesa foi coordenada pela coordenadora do Cedem, a professora Sonia Maria Troitiño Rodriguez.

A COMISSÃO

A CV é formada por 10 membros de diferentes unidades, além de 24 comissões locais dos câmpus, somando 97 pessoas, entre docentes, servidores e estudantes. Ao longo de 2014, a comissão se debruçou sobre documentos e depoimentos colhidos pelo Cedem e pelo projeto Memória da Universidade, nos arquivos dos institutos e faculdades, além do acervo de dossiês e fichas do Departamento de Ordem Política e Social (Deops).

Promovido pela professora Anna Maria, o projeto Memória da Universidade recolhe depoimentos de professores, servidores e ex-alunos para construir a história oral da **Unesp**. Nesses relatos, a equipe do Cedem conseguiu identificar professores e servidores que foram demitidos e presos desde o golpe de 1964, em Araçatuba, Araraquara, Assis, Botucatu, Marília, Rio Claro e São José do Rio Preto.

Além do trabalho em arquivos, a CV da **Unesp** é fundadora e participante do colegiado da Rede Nacional de Comissões da Verdade Universitárias. "Temos parcerias com comissões da verdade da



Daniel Patire

Angélica, Cunha, Del Roio, Anna Maria e Sonia durante debate

Argentina, do Chile e do Uruguai", acrescentou Angélica.

OUTROS RELATOS

O professor Cunha foi assessor da Comissão Nacional da Verdade (CNV), onde atuou no Grupo de Trabalho "Militares Perseguidos". O grupo conseguiu levantar um número de mais de 6.500 militares e policiais militares perseguidos, expulsos, torturados no período da Ditadura Militar.

"Proporcionalmente, essa foi a categoria social que mais sofreu perseguições no país", disse Cunha.

Para Del Roio, a CV da **Unesp** tem um papel fundamental devido

a sua capilaridade por todo o Estado de São Paulo. "A CNV só se ocupou das capitais dos Estados, e a Comissão da Verdade do Estado de São Paulo concentrou seus esforços na área da Grande São Paulo. Assim, o papel desenvolvido por essa comissão é de suma importância", relatou.

EVENTO EM BRASÍLIA

No dia 31 de março, a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República promoveu na Universidade de Brasília (UnB) o seminário nacional "Democracia e Ditadura: memória e verdade

o(s) autoritarismo(s) do presente". A abertura do encontro teve a presença da ministra da Secretaria de Direitos Humanos, Ideli Salvatti, e da professora Sonia Bão, vice-reitora da UnB.

A Comissão da Verdade da **Unesp** foi convidada a compor a mesa de debates, por meio do professor João da Costa Chaves Júnior. Ele representou, também, a Rede Nacional de Comissões da Verdade Universitárias, da qual a CV-Unesp é co-fundadora e membro efetivo de seu colegiado nacional. Nesta mesa, também participaram o professor José Otávio Nogueira Guimarães, da Comissão da Verdade "Anísio Teixeira", da UnB; Sueli Bellato, vice-presidente da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça; e Rafael Schincariol, coordenador da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos.

A ministra enfatizou a necessidade de continuação dos trabalhos das Comissões da Verdade em todo o país. Ela destacou em especial a importância da continuidade dos trabalhos da Comissão da Verdade da **Unesp**, por sua relevância no Estado de São Paulo.

Unesp recebe acervo de Vladimir Herzog

Documentos relativos à prisão e morte do jornalista estarão disponíveis para pesquisa

Fotos, reportagens, cartas e depoimentos recolhidos por mais de 40 anos por Clarice Herzog agora fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Memória da **Unesp**. Os documentos integram um arquivo pessoal que remonta a história da luta, prisão e assassinato do seu marido, o jornalista Vladimir Herzog (1937-1975), morto sob tortura em outubro de 1975.

O termo de doação foi assinado no dia 26 de março por Clarice e pela professora Sonia Maria Troitiño Rodriguez, coordenadora do centro, em cerimônia realizada na sede do Cedem, localizada na Praça da Sé, centro da capital paulista.

"Decidimos entregar o arquivo para uma entidade com reconhecido valor na guarda de

documentos, para que ele possa ser preservado e servir para pesquisas e também ser aberto ao público", afirmou Clarice. "Ao divulgar essa história contada pelos documentos, esperamos que a história não se repita e que

não haja mais ditaduras."

A doação do acervo ocorreu por meio do Instituto Herzog à **Unesp**. Os documentos passarão por um processo de higienização e catalogação, e devem estar acessíveis ao público a partir

de outubro. "A preservação documental e o acesso público a eles é uma das principais missões do centro", explicou Sonia. "E esse arquivo desmonta e reconta uma das maiores farsas montadas em nossa história recente."

Junto a sua mãe durante a cerimônia, Ivo Herzog reforçou o papel das pesquisas em documentos oficiais e em outras fontes, como jornais sindicais, para se construir a verdadeira história da ditadura militar no Brasil.



Clarice Herzog e Sonia Rodriguez assinam termo de doação



Fotos Daniel Patire

Material estará disponível para o público a partir de outubro

Comida melhor para todos

Seminário chama atenção para nutrição de povos tradicionais e da periferia

Cíntia Leone

Embora tenha havido um incremento significativo na renda da população brasileira nas últimas décadas, ainda há muitos desafios para garantir a segurança alimentar no País. Essa é a motivação principal dos pesquisadores que participaram do Seminário Internacional “Indicadores de Segurança Alimentar e Nutricional”, realizado em São Paulo (SP), no dia 9 de abril, pela **Unesp** e pela Faculdade de Saúde Pública da USP.

“Nós passamos da fase em que a fome assolava um número muito grande de brasileiros, mas agora precisamos discutir como vamos promover a saúde por meio da comida”, afirmou Maria Rita Marques de Oliveira, assessora da Pró-reitoria de Extensão, professora do Instituto de Biociências da **Unesp** em Botucatu e uma das coordenadoras do seminário.

Um dos destaques do encontro, a palestra de Edgar Aparecido Moura, do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), abordou a dificuldade de acesso dos mais pobres à comida saudável. “Na periferia, os mercadinhos têm baixíssima variedade de frutas e legumes, enquanto sobram refrigerantes altamente açucarados, salgadinhos e outros produtos ultraprocessados”, disse, lembrando ainda que as feiras de produtos orgânicos em São Paulo são realizadas apenas em bairros nobres. “Se quiser ter acesso a uma comida melhor, o morador da periferia precisa pegar um ônibus, muitas vezes um trem e um metrô também.”

Ele ressaltou ainda que muitas famílias em situação de vulnerabilidade alimentar e nutricional são quilombolas, indígenas, ciganos, caiçaras e de outros povos com modos de vida tradicionais. Afirmou também que mesmo os programas governamentais criados para dar solução ao problema não respeitam a tradição nutricional desses povos. “Precisamos perceber que o racismo tem vertentes tão perversas que agride suas vítimas até naquilo que é mais elementar para um ser humano, que é a sua refeição.”



Fotos Cíntia Leone

A assessora Maria Rita fala no evento, ao lado da professora Mônica, da USP: alimentação é saúde

Lília Ofir Peralta Saá, pesquisadora da União de Nações Sul-Americanas (Unasul), explicou como a crise de 2001 afetou seu país, o Equador. A nação de 14 milhões de habitantes viveu o confisco de contas bancárias, a dolarização com perda de poder de compra das famílias, o desabastecimento e, como consequência, a fome. “Passado esse período turbulento, estamos experimentando uma nova fase de estabilidade política e crescimento econômico, como muitos na América Latina”, afirmou. “Mas precisamos aprender a manter a segurança alimentar e nutricional tanto em épocas de vacas gordas como magras.”

Segundo a pesquisadora, os

países latino-americanos têm muito a aprender com trocas de experiência. “Assim como no Brasil, nossas populações tradicionais também estão em condição mais vulnerável”, disse Saá. Ela ressaltou que muitas pessoas desses grupos populacionais não consomem o que recomenda a Organização Mundial da Saúde – ao menos 2 mil calorias e 50 gramas de proteína ao dia.

FAZER COMIDA

As comunidades tradicionais também foram destaque na apresentação do professor José Giacomo Baccarin, da **Unesp** em Jaboticabal, que fez uma análise do cumprimento da lei que determina que os

gastos com alimentação dos governos devem dar prioridade a produtos da agricultura familiar, com incentivo extra para produções feitas por essas populações. “Muitas prefeituras não cumprem a lei porque o abastecimento é ruim no País, as cidades não criaram estruturas para facilitar a entrega dos alimentos”, disse. Essas instalações, segundo o docente, têm a função de armazenagem centralizada do município e permitiriam que o pequeno agricultor não tivesse gastos para levar o fruto de sua colheita a cada escola, presídio ou hospital, por exemplo.

“A diferença de preço entre o que o pequeno agricultor recebe e o que é cobrado ao

consumidor por um atacadista como a Ceagesp, por exemplo, é muito grande e precisa ser discutida”, enfatizou Baccarin. Ele destacou ainda um dado conhecido do setor agrícola: a pequena produção, embora ocupe menos porções de terra em comparação com o agronegócio, gera mais alimentos. “São Paulo permitiu que o número de pequenas roças no Estado decaísse, o que obriga a cidade de São Paulo a comprar alimentos de produtores paranaenses para abastecer os prédios públicos.”

Também participaram do encontro Patrícia Constante Jaime, da USP, que abordou o impacto da boa alimentação em instituições de saúde e em escolas; Ana Maria Mancuso, que ressaltou a crescente relevância dos problemas de abastecimento nas pesquisas em nutrição; Carmen Priscila Bocchi, coordenadora do Consea, que detalhou as últimas ações da Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Sesan), do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS); Cláudia Bogus, da USP, que enfatizou a importância da participação popular na criação de políticas públicas; e a professora Mônica Inez Jorge, também da USP, que encerrou o evento.

“Os profissionais das áreas de nutrição e saúde passaram anos tendo que lidar com o desafio de levar comida para todos. Hoje temos a tarefa mais específica de responder a que comida a pessoas precisam ter acesso”, concluiu Mônica.



Baccarin propõe mais apoio do governo à agricultura familiar



Pobres têm pouco acesso à comida saudável, de acordo com Moura



Alimentação melhora na América Latina, nos últimos anos, disse Lília

Em defesa da fauna aquática brasileira

A revista *Science* publicou, no dia 6 de março, uma carta de pesquisadores brasileiros e norte-americanos em defesa da manutenção da Portaria nº 445/2014 do Ministério do Meio Ambiente Brasileiro (MMA), divulgada no final do ano passado. No decreto, são listadas 475 espécies aquáticas ameaçadas de extinção, proibindo sua captura.

Dessas espécies, 83 são pescadas comercialmente, o que, segundo a denúncia da carta, levou o setor de pesca industrial a pressionar o governo para retirá-las da lista. Para os signatários do texto, essa retirada significaria “um enorme retrocesso para a conservação da fauna aquática do Brasil”.

Um dos autores da carta é o professor Marcelo Antonio Amaro Pinheiro, docente da **Unesp**, Câmpus Experimental do Litoral Paulista (CLP), em São Vicente (SP). O docente atua como coordenador de Táxon (*Crustacea*), indicado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio/MMA) para coordenar o grupo de especialistas nas espécies de crustáceos, juntamente com Harry Boos, do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação da Biodiversidade Marinha do Sudeste e Sul (CEPSUL/ICMBio), que também participou dessa publicação.

Marcelo ressalta que seu grupo promoveu uma reunião e redigiu um texto destinado a empresários do setor de pesca. “Nós levantamos informações e elaboramos um documento para que eles justificassem o pedido”, afirma. “Eles



Divulgação

Marcelo: grupo se esforça para evitar pesca de espécies ameaçadas

dizem que a portaria está prejudicando a atividade de pesca, mas não informam as razões.”

O pesquisador assinala que peixes como tubarões e raias, cavalos-marinhos e budiões-azuis, entre outros, estão num nível populacional crítico ou vivem num ambiente bastante reduzido pela ação humana. “No caso dos caranguejos, por exemplo, o guaiamum está na categoria de animais criticamente ameaçados, devido à redução das restingas onde vive”, explica.

A portaria do MMA se baseou nos dados da Lista Nacional das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção, que foi revisada e atualizada por cerca de 1.300 especialistas, com a avaliação de 100% das espécies de vertebrados e de diversos grupos de invertebrados. Cada espécie foi avaliada segundo critérios da International Union for Conservation of Nature (IUCN).

Nova visão do valor econômico da natureza

Um trecho de mata tradicionalmente tem seu valor econômico calculado em função do que pode produzir em termos de mercadorias, por exemplo, pela madeira que pode ser retirada de suas árvores. No entanto, esse tipo de visão está mudando e levando também em conta os serviços que a mata presta ao evitar a erosão do solo e preservar a qualidade de rios da região, entre outros fatores.

A fim de conhecer melhor essa nova concepção, Gerson Araujo de Medeiros esteve, entre dezembro e janeiro, na Universidade de Alberta (U Alberta), no Canadá. Lá, o professor do Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais (PPGCA) da **Unesp**, Câmpus de Sorocaba, realizou um estágio de docência na

Faculdade de Agricultura, Ciências Ambientais e da Vida (Ales), com o grupo de pesquisa de Wiktor Adamowicz.

“Wiktor é economista e promove estudos relacionados ao valor econômico do ambiente”, explica Medeiros. No período do estágio, o professor desenvolveu pesquisa e revisão de literatura relacionadas à avaliação de impactos econômicos e ambientais na agricultura e à inserção dos serviços dos ecossistemas para o bem-estar do homem.

O estágio foi financiado pelo Programa de Apoio à Execução de Estágio no Exterior PAREex, da Pró-reitoria de Pós-graduação da **Unesp**, e a visita acadêmica à Ales foi realizada no contexto do Programa Excelência Bilingue em Tecnologia, voltada para professores visitantes da U Alberta.



Divulgação

Medeiros realizou estágio de docência na Universidade de Alberta

SEMPRE UNESP

Bióloga brilha nos Estados Unidos



Divulgação



Universidade da Flórida premiou Cíntia

Adriana Donini

A brasileira Cíntia Leite Ribeiro, 27 anos, destacou-se em 2014 entre os alunos da Universidade da Flórida, nos EUA. Sua tese de doutorado foi considerada o melhor estudo defendido naquela instituição, no ano passado.

O trabalho procurou caracterizar genes de função desconhecida com o objetivo de estimular a formação de madeira em *Populus*, espécie utilizada para a produção de celulose para papel. A pesquisadora identificou um gene que aumenta o crescimento das árvores, particularmente

sob temperatura elevada. A descoberta poderá ser utilizada na engenharia genética de plantas, em especial para a produção de alimentos.

Natural de Vitória (ES), Cíntia concluiu o ensino médio no município de Lençóis Paulista (SP). Em 2005, ingressou no Instituto de Biociências (IB) da **Unesp**, Câmpus de Botucatu, onde cursou bacharelado e licenciatura em Ciências Biológicas.

Cíntia enfatiza que, nos dois primeiros anos do curso, participou da equipe de pesquisa liderada pelo professor Fausto Foresti. Inicialmente, ela pensava em se dedicar ao estudo da genética humana, mas, no

terceiro ano, após assistir às aulas de Biologia Molecular com o professor Ivan de Godoy Maia, voltou seu interesse para a área de genética agrônômica. Decidiu, então, fazer um estágio no laboratório de Maia, desenvolvendo um trabalho de iniciação científica com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Sua experiência com a pesquisa permitiu que, em 2010, ela fosse aprovada no programa de pós-graduação em Biologia Molecular e Celular de Plantas da Universidade da Flórida, em Gainesville. Durante os quatro anos como pós-graduanda daquela

instituição, sob orientação do professor Matias Kirst, recebeu 10 premiações de excelência acadêmica e em pesquisa. Após a conclusão do doutorado, em outubro, ela conquistou uma vaga no programa Líderes Científicos Emergentes, da empresa Monsanto em Saint Louis, Missouri.

“A experiência diversificada que a **Unesp** me providenciou foi um diferencial para o meu sucesso”, afirma. “Sou eternamente grata pela qualidade de ensino e da pesquisa da **Unesp** e aos professores Fausto Foresti e Ivan Maia, com os quais ainda mantenho contato frequente.”

Mestranda é premiada nos EUA

Trabalho analisa uso de toxinas para estimular produção de células-tronco de polpa dentária

A pesquisa realizada por Flávia Martins Leal foi considerada o melhor trabalho em nível mundial na reunião do Pulp Biology and Regeneration Group (PBRG), da International Association for Dental Research (IADR), ocorrida entre 11 e 14 de março, em Boston, nos EUA. No encontro, considerado o mais importante evento da área de biologia pulpar e regeneração dentária do mundo, Flávia concorreu com dezenas de pós-graduandos de diversos países

“A premiação é importante para dar maior visibilidade ao trabalho do nosso grupo e à própria **Unesp**”, comenta Flávia. Em seu mestrado, defendido no dia 13 de abril no Instituto de Ciência e Tecnologia da **Unesp** de São José dos Campos, ela pesquisou a estimulação de

células-tronco da polpa dentária pelas toxinas LTA e LPS. Essas toxinas estão presentes nas paredes celulares de algumas bactérias e são liberadas após a destruição dessas paredes. A pesquisa teve a orientação de Carlos Henrique Ribeiro Camargo, professor do ICT, e a co-orientação de Bruno das Neves Cavalcanti, ex-docente do Instituto e atualmente professor da Universidade de Michigan (EUA).

“O estudo também rendeu um artigo, que está em análise para publicação na revista *Journal of Endodontics*, o mais importante periódico do mundo na área da Endodontia”, assinala Camargo. Flávia integra uma linha de pesquisa coordenada pelo docente, voltada para o uso de células-tronco na regeneração da polpa dentária.



Flávia, na cerimônia de premiação, com o orientador Camargo (dir.) e o co-orientador Cavalcanti

Divulgação

Pesquisadoras fazem estágios no Canadá

Dois pesquisadoras do Instituto de Biociências (IB) da **Unesp**, Câmpus de Botucatu, estiveram recentemente no Canadá, para realizar estágios. Cibele dos Santos Borges é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Biologia Geral e Aplicada e Marina Trevizan Guerra realiza seu pós-doutorado. Ambas são orientadas pela professora Wilma de Grava Kempinas, do Departamento de Morfologia do IB.

Marina fez estágio na Universidade McMaster, de julho de 2014 a janeiro de 2015. Para isso, recebeu uma Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior (Bepe), da Fapesp. O estudo que ela desenvolve visa avaliar os efeitos tóxicos do butil parabenos sobre o sistema genital de ratos machos e fêmeas, cujas mães foram expostas à substância durante a prenhez e a lactação.

Cibele permaneceu no Institut Armand-Frappier Research Centre, da Universidade de Quebec, de agosto de 2014 a fevereiro deste ano, por meio de uma bolsa do governo canadense. Em seu trabalho, ela estuda os efeitos da exposição in utero à substância betametasona em relação a aspectos reprodutivos de ratos

machos, com ênfase na qualidade espermática e fertilidade.

A doutoranda elogia sua experiência no exterior. “Aprendi, por exemplo, várias técnicas novas”, afirma. “E conheci pessoalmente os quatro principais nomes que usava como referência na minha pesquisa.” Marina concorda com sua colega, também ressaltando as técnicas que adquiriu. “O estágio representou tanto um ganho pessoal quanto profissional”, comenta. *Colaborou Adriana Donini*



Experiência no exterior é elogiada por Marina (esq.) e Cibele

Divulgação

Universitários interagem com alunos com deficiência

No dia 20 de março, aconteceu o XV Festival de Atividade Física Adaptada (Fafa), no Câmpus da **Unesp** de Rio Claro. O evento é uma promoção dos alunos do curso de Educação Física da Universidade, em parceria com o Programa de Educação Física Adaptada (Proefa) e o Laboratório de Ação e Percepção (LAP).

O evento este ano teve a participação de cerca de 80 universitários, que interagiram com aproximadamente 40 alunos do Proefa e da Apae – com idades que iam dos 9 aos 50 anos e que apresentavam deficiências físicas, motoras ou intelectuais.

De manhã, ocorreram partidas de futebol para cegos e pessoas com paralisia cerebral, basquete em cadeiras de rodas, golbol (esporte para cegos que envolve arremessos com a mão para o campo adversário), dança e atividades desenvolvimentistas – como corridas, saltos e brincadeiras. Em seguida, aconteceu um lanche, durante o qual os alunos da Apae e do Proefa fizeram apresentações de dança.

Coordenadora docente do encontro e professora do Departamento de Educação



Grupo em ação conjunta no Festival de Atividade Física Aplicada

Divulgação

Física do Instituto de Biociências (IB), Eliane Mauerberg de Castro enfatiza a importância do Fafa para uma ampla formação dos estudantes. “Eles podem vivenciar tanto a organização do evento quanto a aplicação dos conteúdos que tiveram em sala de aula”, esclarece.

Fernanda Lopes Magre, aluna do 5º ano de Educação Física, foi a coordenadora-geral discente do Festival, que ela considera um momento especial do curso. “Os estudantes de Educação Física têm certo receio de trabalhar com esse público e o Fafa ajuda a combater preconceitos, como o de que essas pessoas não conseguem realizar os exercícios que propomos, por exemplo.” Ela

também destaca a experiência que os estudantes ganham no processo de organização do encontro – que vai do planejamento das atividades à busca de patrocínio e recepção dos visitantes.

Fernanda é estagiária do Proefa, que atende crianças com deficiência física, mental e sensorial e busca estimular entre elas desde habilidades motoras até competências para as relações sociais. Para isso, oferece aulas que incluem recreação, dança, expressão corporal, atividades esportivas e outras. “Nós assumimos a tarefa de elaborar as aulas e ajudamos outros estagiários a também produzir suas aulas”, afirma. *Colaborou Edneia Silva*

AGÊNCIA UNESP DE INOVAÇÃO

Anvisa dá prioridade a testes clínicos para projetos da Unesp



Luciana Maria Cavichioli – AUIN

No dia 23 de março, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) decidiu priorizar a análise técnica de três ensaios clínicos nacionais, sendo dois deles da **Unesp**. Trata-se dos projetos do selante de fibrina, que facilita a cicatrização de feridas venosas crônicas, e do soro antiapilico, um antiveneno de abelhas, ambos desenvolvidos pelo Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos (Cevap), do Câmpus de Botucatu.

A Anvisa considera os projetos estratégicos para o Sistema Único de Saúde (SUS). Ambos são financiados pelo

Departamento de Ciência e Tecnologia (Decit) do Ministério da Saúde, por intermédio do CNPq. “É uma experiência pioneira para uma universidade pública brasileira”, comenta o professor Benedito Barraviera, coordenador dos projetos.

Para a produção do selante de fibrina, está sendo construído um Laboratório Piloto de Produção de Biofármacos na própria unidade. Já para a produção do soro antiapilico, a tecnologia foi transferida ao Instituto Vital Brazil, de Niterói (RJ).

Após a devida autorização, o selante de fibrina será aplicado em 40 pacientes com úlceras venosas crônicas e o soro antiapilico em 20 pacientes acometidos por

múltiplas picadas de abelhas africanizadas *Apis mellifera*. Enquanto o primeiro projeto será realizado apenas em Botucatu, o último será multicêntrico e dele participarão vários centros da Rede Nacional de Pesquisa Clínica. A coordenação dos ensaios clínicos caberá à Unidade de Pesquisa Clínica (Upeclin) da Faculdade de Medicina da **Unesp**, Câmpus de Botucatu, sob a responsabilidade do professor Carlos Caramori.

A Agência de Inovação da Unesp (AUIN) foi a responsável pelo depósito nacional e internacional das patentes envolvidas nos dois processos.

Grupo de Prevenção da Violência estabelece áreas de atuação

O Grupo de Trabalho (GT) de Prevenção da Violência, instituído dia 10 de março pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão Universitária (Cepe), realizou por videoconferência a sua primeira reunião, dia 20 de março.

Coordenado pela vice-reitora Marilza Vieira Cunha Rudge e com a participação de docentes, alunos e servidores de diversas unidades, o Grupo estabeleceu a criação de quatro subgrupos: Formação de Profissionais para Atuação na Área; Conscientização da Comunidade e Divulgação das Ações; Estabelecimento de Marco Regulatório e de Ações de Fomento a Direitos Humanos; e Acompanhamento do Desempenho Acadêmico.

A primeira reunião do Grupo, ainda sem o atual nome e sem o vínculo com o Cepe, ocorreu em novembro de 2014. Entre as ações já em andamento pelo GT está a publicação de um manual para orientar calouros contra abusos sexuais, preparado pelo Coletivo Genis, integrado por alunas da **Unesp** de Botucatu, e financiado pela Universidade.

O GT tem como objetivo fomentar a saúde, o esporte, a cultura e o lazer, criando

Reprodução



mecanismos próximos dos alunos e de suas necessidades. O Grupo vai estudar e propor alterações na legislação da Universidade, no sentido educativo, averiguativo e punitivo, e focar ações complementares às que já são realizadas. Outra proposta em andamento é a capacitação de profissionais para visitar as unidades da **Unesp** como uma ação da Coordenadoria de Saúde e Segurança do Trabalhador e Sustentabilidade Ambiental (Cotsa).

Entre as ações já em andamento na Universidade estão programas contra abuso do uso de álcool e drogas, hoje coordenados pela Rede Vida Melhor, além de recepção acadêmica e científica e de

conscientização, realizada pelas vice-diretorias, que envolve estudantes ingressantes, veteranos e pais. As vice-diretorias e ouvidorias locais e central agem contra qualquer evento que possa desrespeitar, humilhar ou constranger qualquer integrante da Universidade.

Na **Unesp**, o trote é proibido. A punição para os infratores pode chegar até a expulsão.

Denúncias contra qualquer espécie de violência podem ser realizadas junto à vice-direção das unidades, à Ouvidoria Local ou à Ouvidoria Central <ouvidoria@reitoria.unesp.br>.

Os contatos para denúncias contra trote violento estão em: <<http://unesp.br/disquetrote/>>.

Fala do reitor Julio Cezar Durigan contra o trote violento está disponível em vídeo que é passado aos alunos ingressantes: <<http://goo.gl/DAPXzb>>.



GOVERNADOR: Geraldo Alckmin
SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SECRETÁRIO: Márcio França

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

REITOR: Julio Cezar Durigan
VICE-REITORA: Marilza Vieira Cunha Rudge
PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO: Carlos Antonio Gamero
PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO: Laurence Duarte Colvara
PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO: Eduardo Kokubun
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:
Mariângela Spotti Lopes Fujita
PRÓ-REITORA DE PESQUISA: Maria José Soares Mendes Giannini
SECRETÁRIA-GERAL: Maria Dalva Silva Pagotto
CHEFE DE GABINETE: Roberval Daiton Vieira
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
E IMPRENSA: Oscar D'Ambrosio
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE INFORMÁTICA:
Edson Luiz França Senne
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA JURÍDICA:
Edson César dos Santos Cabral
ASSESSOR-CHEFE DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO:
Mario de Beni Arrigone
ASSESSOR-CHEFE DE RELAÇÕES EXTERNAS:
José Celso Freire Júnior
ASSESSOR ESPECIAL DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO:
Rogério Luiz Buccelli
DIRETORES/COORDENADORES-EXECUTIVOS DAS UNIDADES
UNIVERSITÁRIAS:
Francisco Leydson Formiga Feitosa (FMV-Araçatuba),
Ana Maria Pires Soubhia (FO-Araçatuba), Cleopatra da
Silva Planeta (FCF-Araçatuba), Andreia Affonso Barretto
Montandon (FO-Araçatuba), Arnaldo Cortina (FCL-
Araraquara), Leonardo Pezza (IQ-Araçatuba), Ivan
Esperança Rocha (FCL-Assis), Nilson Ghirardello (FAAC-
Bauru), Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger (FC-
Bauru), Edson Antonio Capello Sousa (FE-Bauru), João
Carlos Cury Saad (FCA-Botucatu), Silvana Artioli Schellini (FM-
Botucatu), Maria Dalva Cesarino (IB-Botucatu), José Paes de
Almeida Nogueira Pinto (FMVZ-Botucatu), Paulo Alexandre
Monteiro de Figueiredo (Dracena), Célia Maria David
(FCHS-Franca), Marcelo dos Santos Pereira
(FE-Guaratinguetá), Rogério de Oliveira Rodrigues
(FE-Ilha Solteira), Ricardo Marques Barreiros (Itapeva),
Maria Cristina Thomaz (FCAV-Jaboticabal), José Carlos
Miguel (FFC-Marília), Andréa Aparecida Zacharias
(Ourinhos), Marcelo Messias (FCT-Presidente Prudente),
Reginaldo Barboza da Silva (Registro),
Jonas Contiero (IB-Rio Claro), Sérgio Roberto Nobre
(IGCE-Rio Claro), Renata Maria Ribeiro (Rosana),
José Roberto Ruggiero (Ibilce-São José do Rio Preto),
Carlos Augusto Pavanelli (ICT-São José dos Campos),
Mario Fernando Bolognesi (IA-São Paulo), Rogério
Rosenfeld (IFT-São Paulo), Wagner Cotroni Valenti (CLP-
São Vicente), André Henrique Rosa (Sorocaba) e Danilo
Florentino Pereira (Tupã).

jornalunesp

EDITOR: André Louzas
REDAÇÃO: Cinthia Leone e Daniel Patire
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: Adriana Donini, Edneia Silva,
Luciana Maria Cavichioli, Marcos Jorge e Ricardo Aguiar (texto)
EDIÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO: Fábrica de Produções
(diretores de arte: Alecsander Coelho e Paulo Ciola)
(diagramadores: Bruna Rodrigues, Jéssica Teles,
Marcelo Macedo e Rodrigo Alves)
REVISÃO: Maria Luiza Simões
PRODUÇÃO: Mara Regina Marcatto
ASSISTENTE DE INTERNET: Marcelo Carneiro
APOIO ADMINISTRATIVO: Thiago Henrique Lúcio
TIRAGEM: 6 mil exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da **Unesp**, é elaborado
mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa
(ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é
permitida, desde que citada a fonte.

ENDEREÇO: Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, Centro,
CEP 01049-010, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.
HOME PAGE: <http://www.unesp.br/jornal>
E-MAIL: jornalunesp@reitoria.unesp.br

IMPRESSÃO: 46 Indústria Gráfica

VEÍCULOS

Unesp Agência de Notícias:
<<http://unan.unesp.br/>>
Rádio Unesp:
<<http://www.radio.unesp.br/>>
TV Unesp:
<<http://www.tv.unesp.br/>>

LIÇÕES LÍRICAS



La Bohème foi apresentada na íntegra, em italiano, com legendas em português

Projeto Fábrica de Óperas apresenta três obras, promovendo formação ampla para alunos de diversas áreas

Oscar D'Ambrosio

Gênero artístico teatral que consiste em encenação acompanhada de música, a ópera combina música instrumental e canto. O texto é apresentado com elementos típicos do teatro, como cenografia, vestuários e atuação. No entanto, a letra, conhecida como libreto, é normalmente cantada em lugar de ser falada.

Casamento perfeito entre a música e o teatro, a ópera, que também utiliza recursos das artes visuais, é um enorme e prazeroso desafio. Foi exatamente isso que motivou o maestro Abel Rocha, professor de Regência do Instituto de Artes (IA) da **Unesp**, em São Paulo (SP), a instituir o projeto Fábrica de Óperas.

Ex-diretor do Theatro Municipal de São Paulo, atualmente diretor artístico e regente titular da Orquestra Sinfônica de Santo André, ele conta que a iniciativa é pioneira no ensino universitário de Música no Estado de São Paulo. "O objetivo é o estudo e a prática da performance em ópera de repertório", afirma. "Não há cursos superiores ou projetos de formação e extensão, em ópera e teatro musical." Coordenador e diretor artístico do projeto desde sua idealização em 2013, Rocha aponta que a Fábrica de Óperas oferece formação para alunos de diversos segmentos.

Entre 26 e 29 de março, o projeto apresentou, no IA, três óperas em quatro récitas. Um elenco de 35 artistas se revezou na apresentação de *A hand*

of bridge, de Samuel Barber (1910–1981); *O telefone*, de Gian Carlo Menotti (1911–2007), ambas encenadas nos dias 26 e 27; e *La Bohème*, de Giacomo Puccini (1858 - 1924), dias 28 e 29. "Esta última foi apresentada na íntegra de seus quatro atos, no idioma original, italiano, com exibição de legendas para o público", ressalta Rocha.

Um dos diferenciais pedagógicos dessa iniciativa é que todos os alunos fazem um pouco de tudo. "Eles atuam como cantores, ensaiadores, regentes, co-repetidores, diretores de cena, atores e iluminadores, entre outras funções", aponta a professora Kathya Godoy. Colaboradora do projeto, ela foi responsável pela direção artística de *A hand of bridge*.

"O elenco desenvolve suas atividades como um grupo de ópera de repertório, formado por alunos de Canto, Regência, Licenciatura em Educação Musical (LEM) e Cênicas, além de alunos de pós-graduação em áreas correlatas, que possam aplicar suas pesquisas de linguagem nos trabalhos desenvolvidos, bem como participantes externos", acrescenta Rocha.

Outra proposta do projeto é a realização de estudos especializados e apurados do texto musical, o que envolve a performance vocal e a dramaturgia musical dos espetáculos. "Realizamos estudos diversificados de linguagens em encenação de ópera e musicais e sua



A hand of bridge (acima) e *O telefone*: estudantes exercem várias funções nos espetáculos

aplicação", explica o idealizador do projeto. "A tradução/adaptação de óperas, como *O telefone* e *A hand of bridge* para o português é vista como uma proposta pedagógica de ensino da interpretação e performance", acrescenta.

A realização semestral de Festivais Fábrica de Óperas também abre espaço para renomados profissionais da cena do teatro lírico de SP, como a mezzo-soprano paulista Regina Helena Mesquita, que participou da direção cênica das montagens. "Foi uma grande experiência. Espero estar de volta em futuras montagens", comentou a cantora. Um novo repertório será apresentado em maio.



Fotos Daniel Patire

O repertório

A hand of bridge (*Uma mão de bridge*) é uma ópera em um ato com 9 minutos de duração, apresentada pela primeira vez em 1959. Composta por Samuel Barber, com libreto de Giancarlo Menotti, narra a história de dois casais amigos que se encontram todas as noites para jogar bridge. Um casal apaixonado que não consegue se comunicar é o tema de *O telefone*. A ópera de Gian Carlos Menotti estreou em 1947 e mostra as tentativas frustradas de Ben fazer seu pedido de casamento a Lucy. Em todas, é interrompido pelo telefone. *La bohème* (*A boêmia*) é uma

ópera em quatro atos de Giacomo Puccini, com libreto de Luigi Illica e Giuseppe Giacosa. Estreou em 1896, sob a regência de Arturo Toscanini. É um exemplo de ópera proletária, pois, até aquele momento, quase todos os personagens do gênero eram nobres, guerreiros, deuses ou heróis mitológicos. Os personagens de *La bohème* são intelectuais sem dinheiro para pagar o aluguel.

As fotos dos três espetáculos podem ser acessadas a partir do endereço: <http://goo.gl/86JgnW>.